



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Thiago Batista dos Santos

**O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no Primeiro
Segmento do Ensino Fundamental.**

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva

**Rio de Janeiro
Janeiro/2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no
Primeiro Segmento do Ensino Fundamental.**

Thiago Batista dos Santos

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva

**Rio de Janeiro
Janeiro/2017**

SANTOS, Thiago Batista .

O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental/ Thiago Batista dos Santos; orientador: Sergio Luiz Batista da Silva. Rio de Janeiro, 2017.

84 f.: fig.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

1. Homem; 2. Professor; 3. Escolas Privadas; 4. Ensino Fundamental; 5. Gênero.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no Primeiro
Segmento do Ensino Fundamental**

Thiago Batista dos Santos

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Sergio Luiz Baptista da Silva

Prof^a. Dr^a. Marta Lima de Souza

Prof. Dr. William Soares dos Santos

*A todos os professores homens que lutam pela desconstrução da feminização nas unidades
escolares .*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado até aqui.

Aos meus pais, Manoel e Penha, que lutaram, batalharam e se dedicaram imensamente para que eu pudesse ter uma educação de qualidade, sempre apoiando minhas decisões e me incentivando nos futuros caminhos a serem trilhados. Se hoje sou um ser digno, devo isso a vocês. Como é grande meu amor por vocês!

Ao meu marido, Arthur, que esteve comigo nessa caminhada desde a minha matrícula para iniciar essa jornada na Faculdade de Educação até os dias atuais, sendo meu porto seguro em todos os momentos de dificuldades.

Ao meu cachorro Átila, por me acompanhar nos dias de escrita e estudo.

Aos meus irmãos que tanto amo, Wagner, Lia, Cristina e Joyce, que sempre acreditaram no meu potencial e dedicação, assim como seus respectivos cônjuges.

Aos membros da minha família e da família do meu marido que de alguma forma demonstraram preocupação, interesse e incentivo nesse processo formativo.

As minhas amigas, Bianca e Layla, que fizeram as horas e os períodos ao longo desses anos passarem de forma mais prazerosa. Amo vocês!

Aos professores e doutores da Universidade Federal do Rio de Janeiro que contribuíram em minha formação.

As minhas amigas, Luciana e Rosi, pelas conversas, conselhos e dúvidas esclarecidas em nossas voltas para casa. Jamais esquecerei o “Luber”.

A todos os meus amigos que contribuíram de forma direta ou indireta para a produção e conclusão desse trabalho, principalmente aqueles que estudaram comigo na Faculdade de Educação.

Aos professores que aceitaram participar dessa pesquisa, assim como aqueles que de algum modo mostraram interesse pelo tema abordado.

Aos diretores e coordenadores das escolas privadas nas quais não me aceitaram no corpo docente, pois foi através desse fato que resolvi desenvolver essa monografia que tenho muito orgulho.

Ao meu orientador, Professor e Doutor Sergio Luiz Baptista, pelo acolhimento e excelente orientação. Seu papel neste trabalho teve grande importância.

RESUMO

A presente pesquisa, de cunho qualitativo, tem por objetivo analisar e compreender o processo de contratação de professores homens em escolas privadas já que muitas delas impedem que o professor do sexo masculino exerça sua profissão junto às crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Sabe-se que a partir de muitos movimentos sociais dos anos 80, não há mais papéis sociais definidos para homens e mulheres, mas a escola em especial da rede privada mantém certos padrões já superados. O interesse por essa pesquisa surgiu através da minha própria vivência e dificuldade ao tentar me inserir como docente nas instituições privadas de ensino e, dessa forma, resolvi tentar entender, junto com outros educadores o motivo para essa ação. Então, procurei por esses professores em um grupo no Facebook “Educação-Vagas” e também contei com a ajuda de alguns amigos que me indicaram alguns educadores para que a partir, de então, esses pudessem fazer parte deste trabalho de final de curso. Ao encontrar os sujeitos participantes – quatro professores-, foi necessário criar um roteiro semiestruturado e fazer uma entrevista com os mesmos para analisar como ocorreu o processo de inserção desses homens na escola particular. Dos nossos referenciais teóricos sobre gênero e sexualidade, é possível destacar dentre alguns pesquisadores, os estudos de Louro (2014), Scott (1995), Carvalho (2012) e Rabelo (2013). Nas contribuições em relação à escola na sociedade moderna e suas padronizações em relação ao gênero e as diferenças destaco o estudo de Louro (2014); que também é utilizado como um dos principais referenciais junto com Rabelo e Martins (2010), Hypolito (1997) e Vianna (2013) ao tratar sobre a construção histórica do professorado na modernidade, pautando sobre o processo histórico do trabalho docente e a “criação” do processo de feminização do magistério. Também se fez necessário analisar o que dizem a Lei Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (9394/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2006) para averiguar se as mesmas fazem alguma distinção em relação ao gênero dos docentes que pretendem atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Homem, Professor, Escolas Privadas, Ensino Fundamental, Gênero.

ABSTRACT

The present qualitative research aims to analyze and understand the process of contracting male teachers in private schools, since many of them prevent the male teacher from teaching children of the first segment of Elementary School. Due to the many social movements in the 80's, there are no more defined social roles for men and women. However, private schools in particular maintain certain surpassed standards. The interest in this research came about through my own experience and difficulty in trying to be admitted as a teacher in private educational institutions. Therefore, I decided to try to understand the reason for this action, along with the help of other educators. I looked for teachers in a group on Facebook called "Education-Vacancies" and also had the help of some friends who indicated me some teachers that could be part of this academic paper. When meeting with the four teachers subjects involved, a semi-structured script and an interview were created to analyze how the process of insertion of these men occurred in the private schools. From our theoretical references on gender and sexuality, it is possible to highlight the studies of Louro (2014), Scott (1995), Carvalho (2012) and Rabelo (2013). In the contributions to education in modern society and its standardizations in relation to gender and differences, I highlight the study of Louro (2014). It is also used as one of the main references, along with Rabelo and Martins (2010), Hypolito (1997) and Vianna (2013) in dealing with the historical construction of teachers in modern times, based on the historical process of teaching and the beginning of the feminization process in the teaching profession. It was also necessary to analyze what the Brazilian Education Guidelines and Bases (9394/96) and the National Curricular Guidelines of the Pedagogy Degree Course (2006) state, whether they make any distinction in relation to the course and the gender of teachers who intend to work in the initial grades of Elementary School.

Key words: Male, Teacher, Private Schools, Elementary School, Gender

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1: Gênero e sexualidade	18
CAPÍTULO 2: Escola, gênero e docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	27
CAPÍTULO 3: Aspectos metodológicos e análise de dados.....	44
3.1 Analisando os dados: O processo de inserção dos professores na rede privada nos anos iniciais do Ensino Fundamental.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
ANEXOS	66

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Quantitativo dos professores que atuam em escolas (Brasil).....	38
Figura 2 – Quantitativo dos professores que atuam em escolas (Brasil x Rio de Janeiro).....	39
Figura 3 – Quantitativa dos professores que atuam em escolas - 2007 (Rio de Janeiro).....	40
Figura 4 – Quantitativo dos professores em escolas no ano de 2015 (Rio de Janeiro).....	41

INTRODUÇÃO

É muito raro encontrarmos professores do sexo masculino no corpo docente de uma instituição atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, principalmente quando se trata de uma unidade escolar privada, já que em instituições públicas os professores são aptos através de provas e não são questionados sobre seu gênero, pois, por mais que seja difícil de acreditar, ainda nos dias atuais a respectiva profissão está totalmente associada ao sexo feminino.

De fato, ao concluir o Curso Normal no ano de 2007, pude perceber como a gestão escolar de muitas escolas privadas mantém esse certo tipo de associação da profissão docente ao sexo feminino. Ao receber meu diploma e ir à busca de oportunidades de trabalho em minha área – anos iniciais do Ensino Fundamental – encontrei muita dificuldade nas escolas de rede privada simplesmente pelo fato de ser professor do sexo masculino, ou melhor, ser um professor do sexo masculino para trabalhar com crianças “pequenas”, sempre obtendo a mesma resposta ao procurar uma vaga como educador: *Desculpa, mas nossa instituição só trabalha com professoras no corpo docente*. E em muitos casos, nem analisavam o currículo ou era iniciado um diálogo posterior a esta fala, pois o gênero naquele momento era um dos princípios das diretoras e/ou coordenadoras para empregar um docente “totalmente adequado” nas escolas.

Dessa forma, desde o ano de 2007, carrego essa angústia e busco esclarecimentos para esse ato injusto, preconceituoso e padronizado que ocorre dentro das escolas privadas, tais fatos no qual observo que continuam acontecendo até os dias atuais em muitas instituições. Afirmo essa questão por estar concluindo o curso de Pedagogia e ainda ouvir a mesma resposta ao procurar por vagas de docente, estágios, auxiliar de professor e até mesmo de agente educador – inspetor – nas escolas desse ramo. É importante destacar que até nos próprios anúncios de empregos essa especificação está clara, pois procuram por professores para atuar nos anos iniciais, mas na descrição da vaga põem a preferência ou até mesmo a exigência do candidato ser apenas do sexo feminino.

Ao longo do curso mencionado acima, não foi difícil perceber em algumas aulas de História da Educação que os homens foram os primeiros educadores e alfabetizadores na modernidade, no Brasil é um religioso – Jesuíta - que marca a instituição escolar, pois ainda nessa época as mulheres não tinham o direito de trabalhar fora de suas casas e durante um bom tempo foram os professores que tinham o papel de ensinar a população a ler e escrever,

no entanto, o que tem sido percebido ao longo dos anos é que o professor homem foi perdendo espaço nesse campo educacional como docente e, em muitos casos, se tornam implementadores de políticas educacionais, coordenadores, diretores, mas não professores regentes - não atuam dentro da sala de aula. Já as mulheres foram aos poucos “ganhando” seu espaço e um deles foi a função de professora e “cuidadora” das crianças.

Conforme mencionado anteriormente, os primeiros professores na modernidade foram os homens, ou seja, foram os jesuítas, que buscavam passar suas ideias e crenças, ensinavam as primeiras letras e a leitura da Bíblia. A igreja era a responsável pela formação dos professores e a única instituição que permitia a licença para ensinar, sejam religiosos ou leigos. (SHUELER E GONDRA, 2008).

Devido a esses fatos, surgem algumas questões em busca do entendimento dessa construção no corpo docente nas escolas privadas, pois, além de ter ocorrido essa mudança, é preciso saber por qual motivo ela ainda se mantém de forma padronizada como, por exemplo, a recusa dos homens para o trabalho nos anos iniciais do Ensino Fundamental, já que esses que hoje são excluídos já foram exaltados em momentos históricos na educação brasileira. Dessa forma, o presente trabalho busca entender como tem sido o processo de inserção do professor homem nas escolas privadas atuando nos anos iniciais do Ensino Fundamental no município do Rio de Janeiro, visto que, enquanto aluno da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, poucos foram os trabalhos relevantes sobre o olhar do professor do sexo masculino em busca de oportunidades de trabalho como docentes na rede privada.

Na busca de outros estudos que tivessem relevância para o assunto trabalhado nessa monografia, utilizei como primeira etapa algumas buscas online, como por exemplo, a biblioteca eletrônica SciELO¹ (*Scientific Eletronic Librany Online*), o Banco Periódicos do CAPES² (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), no Banco de Teses da CAPES³. No entanto, não encontrei muitos trabalhos relevantes que tratassem dessa área educacional que tem sido demarcada como feminina nos primeiros anos do Ensino Fundamental, prioritariamente na rede privada. É importante destacar que as buscas foram realizadas entre os meses de agosto e setembro de 2016, utilizando em todos os sites os seguintes assuntos: Homens, Magistério, Gênero.

¹ Disponível em: <http://www.scielo.br/>

² Disponível em: <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

³ Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/>

Ao procurar por pesquisas no site da SciElo encontrei quatro trabalhos, no entanto, dentre estes, considerei apenas três como relevantes com o tema a ser pesquisado. O primeiro, “Professores Discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental”, no qual, Rabelo (2013), analisa algumas representações de gênero e se existem representações discriminatórias que afetam os homens que atuam na docência nas séries iniciais⁴ do ensino fundamental do Rio de Janeiro (Brasil) e em Aveiro (Portugal).

O segundo é um artigo da mesma autora citada acima no qual se intitula “Professores homens nas séries iniciais: escolha profissional e mal estar docente”. Rabelo (2010) desenvolve um estudo comparativo entre o professor do ensino fundamental do Rio de Janeiro e de um professor em Aveiro – Portugal, buscando compreender os motivos e as consequências de uma profissão denominada como feminina, se estão satisfeitos ou se sofrem mal-estar. O terceiro é mais um trabalho da Amanda Rabelo (2010), “Eu gosto de ser professor e gosto de crianças – A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária”. Este artigo é um estudo comparativo do professor que trabalha no ensino primário do Brasil e em Portugal, com a finalidade de pesquisar por quais motivos os professores escolhem uma carreira profissional tipicamente associada ao sexo feminino. A autora, por meio de entrevista, tanto em Portugal quanto no Brasil, obteve como resultado a evidência de que a maioria daqueles que escolhem esta profissão é por falta de opção, empregabilidade, melhor opção acessível, estabilidade, acesso mais rápido ao mercado de trabalho, destacando fatores intrínsecos à profissão como o gosto pela mesma, por gostar de crianças, por ensinar e querer mudar o mundo.

Continuando minha busca por trabalhos que dialogassem com o tema e/ou assunto que será tratado nessa pesquisa, busquei pelos mesmos no Banco Periódicos do CAPES. Nesse site encontrei dois trabalhos relevantes, um que já tinha sido encontrado no site da SciElo pela autora Rabelo (2013) e uma tese intitulada “O perfil profissional e representações de bem-estar docente e gênero em homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério”. Gonçalves (2009), o estudo tem por objetivo investigar o perfil de homens que tiveram carreiras bem-sucedidas no magistério, evidenciando porque conseguiram triunfar numa carreira considerada como feminina e quais as representações de gênero e de bem-estar docente que eles possuem.

⁴ Hoje nomeada de anos iniciais

Já na busca no Banco de Teses da CAPES, aparecem quatro trabalhos, porém, desses, apenas um é considerado importante para a produção desta monografia, no entanto, o mesmo também já havia sido encontrado nos dois sites citados acima, da autora Rabelo (2013).

Ao realizar buscas por pesquisas relacionadas aos assuntos mencionados acima é possível perceber a carência de pesquisas nessa perspectiva de trabalho, dessa forma, percebo a necessidade da realização de mais trabalhos preocupados com o processo de inserção dos educadores homens nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ao procurar apenas pela palavra gênero, percebe-se que existem muitos trabalhos voltados para a respectiva busca, mas ao filtrar os assuntos para o tema desta respectiva monografia, é perceptível a falta de materiais acadêmicos.

Outra busca que me auxiliou de forma satisfatória foi a bibliografia utilizada em uma disciplina eletiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nomeada de “Educação e Gênero”, que cursei no primeiro semestre de 2016. Os autores que merecem destaques e que serão utilizados na produção desta pesquisa são: Louro (2014), Louro, Felipe e Goellner (2010), Carvalho (2000, 2012), Jesus (2015), Scott (1995), Catani, et al., (2005), Bueno, Catani e Sousa (2002) e Nicholson (2000) que trazem em seus trabalhos temas que dialogam com os assuntos que abordo nos capítulos a seguir, como por exemplo, o gênero, a sexualidade, a escola e o docente. Cabe ressaltar que não utilizei todas as publicações e seus respectivos anos apresentados no programa do curso, mas destaquei os autores mais citados nas aulas e busquei publicações que se “encaixavam” com o respectivo trabalho. As bibliografias de muitas dessas publicações também foram de suma importância, como as pesquisas de Vianna (2001, 2013), Hypolito (1997), Louretis (1994) e Andrade (2008).

Além desses citados, as disciplinas do curso de Pedagogia também me “ofereceram” algumas opções de textos, artigos e livros, como por exemplo, o estudo de Oliveira (2007), Shueler e Gondra (2008) e principalmente aqueles voltados para a pesquisa e metodologia, entre eles, os estudos de Minayo (2010), Deslandes (2010), Lüdorf (2004), Costa, M.A.F. e Costa, M.F.B (2012).

Então, com o objetivo em buscar esclarecimentos para o fato mencionado acima, decidi pesquisar e procurar responder aos meus questionamentos, como também, ajudar outros leitores com a mesma finalidade. O tema desta monografia, “O Processo de Inserção do Professor Homem em Escolas Privadas no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental”, tem como objetivo principal analisar e discutir o porquê em pleno século XXI muitas escolas

privadas impedem que o professor do sexo masculino exerça sua profissão junto às crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Será que os professores do município do Rio de Janeiro estão conseguindo se inserir no mercado de trabalho nos anos iniciais?

Os objetivos decorrentes deste primeiro são: 1) Conceituar os termos gênero e sexualidade; 2) Analisar como a escola, desde sua construção na sociedade moderna estabelecia a relação de diferença e distinção entre os gêneros; 3) Perceber quem eram os primeiros professores na modernidade e como os mesmos foram perdendo esse espaço e, 4) Analisar as trajetórias dos professores em relação ao seu processo de inserção nas escolas privadas.

É importante ressaltar que a justificativa pelo tema desta pesquisa se deu em 2007 no momento em que eu tinha um diploma – Curso Normal -, mas não conseguia exercer minha profissão em escolas privadas por ser um docente homem. Esse assunto me deixa indignado, a tal ponto de pesquisar, entender, comprovar e esclarecer este real motivo, já que nós do sexo masculino também nos dedicamos para atuar nessa profissão.

É sabido que a partir dos movimentos sociais da década de 1980, não há mais papéis sociais definidos para homens e mulheres, mas a escola, em especial privada, mantém certos padrões já superados. Portanto, após decidir o assunto que me levaria a escrever este trabalho, comecei enxergar muitos aspectos ligados às escolas, ao gênero e à profissão de uma forma mais crítica e reflexiva, principalmente nos livros didáticos, tentando entender o motivo do afastamento dos educadores homens com a docência nos anos iniciais.

É comum pegar livros adotados pelas escolas – principalmente privadas - e perceber como a relação gênero e profissão encaminham e incentivam os alunos em suas escolhas, fazendo comparações entre empregos de homens e de mulheres. Para isso, um dos melhores exemplos são os textos abordados, é muito difícil ou mesmo quase impossível em um livro didático dos anos iniciais do Ensino Fundamental conter um texto, uma história ou poema voltado para o professor (homem), sempre ele é voltado para a professora (tia). Nas imagens ilustrativas também podemos perceber essa questão, pois sempre o homem é direcionado a uma profissão mais “brusca” e a mulher para uma profissão mais sensível e delicada. Então, desde essa fase ao perguntar para uma criança qual profissão irá seguir, iremos perceber que a maioria das meninas dirão que querem ser professoras, pois na “cabeça” delas essa profissão é destinada ao público feminino, pela falta de professor na escola, nos livros didáticos e em muitas imagens ilustrativas que vemos espalhadas pela sociedade.

Portanto, alguns livros didáticos “proporcionam” divisões de gêneros para determinadas profissões, e a formação docente é um desses casos. Como descrevi, podemos perceber que essa questão já é trabalhada e incentivada desde a infância mostrando que, mesmo depois de muitos movimentos para o fim de determinados papéis sociais, ainda hoje são percebidos preconceitos em relação à profissão e gênero.

Isso pode ser percebido, também, em muitas escolas de Formação de Professores, pois lá encontramos um público bem maior de moças em comparação aos rapazes, apesar de ultimamente, o número de adolescentes do sexo masculino ter crescido nessas instituições, porém, ao perguntar se realmente querem ser professores, perceberemos que eles estão nessas escolas devido ao sistema que propõe ao estudante estudar em unidades próximas a sua residência, estão lá porque foram incentivados por familiares e amigos e/ou a grande maioria porque querem sair do Ensino Médio com uma formação, tendo esta última como o maior motivo de suas escolhas. Afirmo essas questões por ter feito estágio recentemente em umas dessas instituições de Curso Normal e ter conversado com os respectivos alunos, como também, nas entrevistas realizadas para essa pesquisa como pode ser observado no material em anexo. Destaco que esses dois exemplos – os livros didáticos e as Escolas de Curso Normal – não serão focos desta pesquisa, porém achei de suma importância trazer esse recorte reflexivo para se pensar como tem sido posto para a sociedade, de uma forma geral, a questão do gênero e profissão, sendo mais preciso, a questão do docente e gênero.

Nessa busca de esclarecimentos percebi que o estudo sobre a profissão docente é de suma importância, principalmente se tratando da inserção dos professores do sexo masculino nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Para alcançar meus objetivos, além desta introdução, esta monografia está dividida em três capítulos. O primeiro “Gênero e Sexualidade” apresentam-se os conceitos dos mesmos através de um breve processo histórico do Movimento Feminista.

O segundo capítulo “Escola, Gênero e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, inicialmente busca-se mostrar sucintamente como a escola que se inicia na sociedade moderna tem se portado em relação às diferenças, delimitações de espaços e na forma de disciplinar o corpo e a alma dos educandos e professores. Em seguida é feito um estudo histórico dos primeiros professores na modernidade e como ocorreu o processo de feminização do magistério que mantém as mulheres até os dias atuais como preferidas e adequadas ao cargo de docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

No terceiro capítulo “Aspectos Metodológicos e Análise de Dados”, apresento a metodologia, uma pesquisa de cunho qualitativo, tendo como sujeitos da pesquisa professores do sexo masculino. Nesse caso, esses docentes foram entrevistados e foi utilizado um roteiro semiestruturado para coleta de dados e para a elaboração da análise do processo de inserção desses professores no primeiro segmento do Ensino Fundamental na rede privada no município do Rio de Janeiro. Na sequência terá a conclusão da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – GÊNERO E SEXUALIDADE

Uma vez que a questão de gênero faz parte de um dos assuntos que norteiam essa pesquisa, se faz necessário, antes de qualquer conceituação e/ou assunto tratado trazer o conceito do mesmo através de diálogos com autores/autoras e pesquisadores/pesquisadoras que tratam sobre o respectivo assunto.

É indiscutível que o conceito de gênero está totalmente associado à história do movimento feminista, estando completamente ligado em suas lutas políticas e linguísticas, portanto, para uma melhor compreensão desse fato, faz-se necessário recuperar de forma sucinta um pouco desse processo histórico de suma importância na teorização de gênero.

Sabe-se que ações contra a opressão das mulheres podem ser observadas em diversos momentos da História. De acordo com Louro (2014), a primeira manifestação contra a discriminação feminina, conhecida como “Primeira onda” teve seu movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres, seus objetivos e reivindicações estavam relacionados à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a certas profissões. É importante ressaltar que os interesses da manifestação citada acima ocorreram por mulheres brancas e de classe média.

Será no fim da década de 1960, denominada “Segunda onda”, que o feminismo além das preocupações sociais e políticas – preocupações referentes à primeira manifestação -, também voltar-se-á para as construções teóricas, nesse caso, a partir de então, se trava o debate entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, assim será gerado e problematizado o conceito de gênero.

Para Louro (2014), foi nesse contexto de luta, contestação e de transformação social e política que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se, não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos políticos, mas também através de livros, jornais e revistas, como por exemplo, *Le Deuxième Sexe* (1949) de Simone de Beauvoir; *The Feminine Mystique* (1963) de Betty Friedan e *Sexual Politics* (1969) de Kate Millet. É nessa fase de transformação que militantes feministas participantes do mundo acadêmico trazem para dentro das universidades e escolas americanas discussões através de questões que as mobilizavam, saturando seu fazer intelectual com a paixão política. Dessa forma, surgem os estudos da mulher, ou *Estudos Feministas*.

Cabe sinalizar que o mundo doméstico – que faz parte da esfera do privado – como o universo da mulher, já vinha passando por um processo de rompimento por algumas

mulheres, principalmente aquelas que pertenciam às classes trabalhadoras e também as camponesas, pois já exerciam atividades em fábricas, oficinas, lavouras e gradativamente passaram a ocupar escritórios, lojas, escolas e hospitais. Porém, de acordo com Louro (2014):

Suas atividades, no entanto quase sempre (como são ainda hoje, em boa parte) rigidamente controladas e dirigidas por homens e geralmente representadas como secundárias, “de apoio”, de assessoria ou auxílio, muitas vezes ligadas à assistência, ao cuidado ou à educação. (p. 21)

Então, com base na autora, é possível afirmar que os estudos iniciais se constituíam em descrições das condições de vida e de trabalho das mulheres em diferentes instâncias e espaços, mostrando e apontando as desigualdades sociais, políticas, econômicas, jurídicas, denunciando a opressão e submetimento feminino.

[...] algumas mulheres vão fundar revistas, promover eventos, organizar-se em grupos ou núcleos de estudos. [...] ainda: levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaçamento acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. (LOURO, 2014, p. 23)

Assim, para a teórica, a pretensão dos estudos feministas foi tornar a mulher como sujeito/objeto de estudos que era ocultada na produção científica tradicional. Contudo, Louro (2014) diz que para compreender o lugar e as relações dos homens e das mulheres em uma sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo que socialmente se construiu sobre os sexos, constituindo um debate nessa perspectiva de linguagem onde o gênero será um conceito fundamental.

Para Lauretis (1994) necessitávamos de um conceito de gênero que não estivesse tão preso à diferença sexual a ponto de se confundir com ela, já que assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, e sim o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais, por meio do desdobramento de uma complexa tecnologia política.

As concepções culturais de masculino e feminino, como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos seres humanos são classificados, formam dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que

relacionam o sexo a conteúdos culturais de acordo com os valores e hierarquias sociais. (LAURETIS, 1994, p. 211)

Segundo Scott (1995), é através das feministas americanas que o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial, pois as mesmas queriam enfatizar o caráter fundamental social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”.

É importante destacar que mesmo mudando o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não existia pretensão de negar a biologia, mas realçar intencionalmente a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Dessa forma, tem a pretensão de trazer o debate para o campo social, já que é nele que se constroem e se reproduzem as relações “desiguais” entre os sujeitos.

Para Louro (2014), as justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas, mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação. Então, o conceito passa a ser usado no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros, priorizando os estudos das análises não só sobre as mulheres, mas também agora, de forma muito mais explícita, referindo-se aos homens.

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem. (LOURO, 2014, p. 27)

Será no final dos anos 80 que no Brasil as feministas irão utilizar o termo “gênero”, inicialmente de uma forma mais acatada e reduzida, depois de forma mais ampla, no entanto, a característica do conceito não deve levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e feminismos. Louro (2014), explica que papéis seriam basicamente padrões ou regras que uma sociedade estabelece e define para seus membros, como por exemplo, seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar.

De acordo com Simões (2016), pode-se abarcar essa desigualdade entre os homens e as mulheres em duas esferas: “a pública e a privada”, onde na primeira se encaixaria a diferença salarial, no qual as mulheres não são remuneradas de forma igualitária aos homens prestando os mesmos tipos de serviços e também na pequena participação política. Já na esfera privada, é possível perceber essa desigualdade na delegação dos papéis domésticos

para as mulheres, cabendo a elas apenas o papel de esposa e mãe, enquanto os homens cabia o papel de provedor da família, além de exercer sabedoria sobre a mulher. Neste caso, observa-se um processo de segregação de separação de tarefas e de espaços na sociedade de um modo geral.

Para Bueno, Catani e Sousa (2002), desde os anos 80 existe um processo lento e gradual instaurando contornos mais definidos em torno da esfera pública e privada, ao mesmo tempo em que a família é cada vez mais valorizada, estabelecendo-se uma diferenciação mais precisa entre o homem e a mulher e os papéis sexuais atribuídos a eles, vai se definindo os espaços que uns e outros deveriam ocupar. Embora a palavra gênero tenha sido utilizada fortemente nos anos 80, as desigualdades entre homens e mulheres vinham de muito antes. Por isso, é possível afirmar segundo os estudos de Scott (1995) que o conceito de gênero além de procurar envolver questões históricas, o respectivo termo faz parte da tentativa empreendida das feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes e para explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens. Então, pode-se entender que:

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos [...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995 p.86)

Contudo, o conceito gênero surge para questionar a suposta diferença de sexo: mulheres passivas, frágeis e emocionais; homens ativos, fortes e racionais, no entanto, na perspectiva de gênero, as diferenças são produtos de uma construção social, de uma situação histórico-cultural e política. Assim, Louro (2014), diz que o termo gênero refere-se ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em determinado contexto.

Então, de acordo com Carvalho (2012, p.402), o termo gênero foi até então usado para nomear as formas masculinas e femininas, sendo utilizado também para fazer designações que eram socialmente codificadas como masculino ou como feminino. Já em uma segunda definição para esta mesma autora, o termo mais recente, não o opõe a sexo, mas inclui a percepção a respeito do que seja sexo dentro de um conceito socialmente elaborado de gênero, uma vez que assume que as próprias diferenças entre os corpos são percebidas sempre por meio de codificações e construções sociais de significados.

O “gênero” foi desenvolvido e é sempre usado em oposição a “sexo”, para descrever o que é socialmente construído, em oposição ao que era biologicamente dado. [...] “gênero” é tipicamente pensado como referência a personalidade e comportamento, não ao corpo; “gênero” e “sexo” são portanto compreendidos como distintos. De outro lado, “gênero” tem sido cada vez mais usado como referência a qualquer construção social que tenha a ver com o masculino/feminino, incluindo as concepções que separam corpos “femininos” de corpos “masculinos”. (NICHOLSON, 2000, p. 09)

Portanto, com base nos estudos dos autores citados acima, pode-se dizer que as relações de gênero se constituem de formas diferenciadas de acordo com a sociedade, a cultura e o contexto histórico de forma geral em que os sujeitos estão inseridos, ou seja, através das suas relações sociais. Assim, “Gênero é um conceito plural e refere-se a todas as concepções sociais, culturais e linguísticas que se organizam em torno do masculino e do feminino. Mais que isso, envolve a problematização dos processos que tem servido para diferenciá-los”. Andrade (2008, p. 61)

Cabe destacar que em muitos discursos sobre gênero, questões de sexualidades tem se feito muito presente. De acordo com Carvalho (2012, p. 402), falar sempre sobre gênero e sexualidade tem criado uma falsa identidade entre esses dois conceitos, pois o gênero quase sempre tem ficado “escondido” pela grande importância ou visibilidade que as questões ligadas à sexualidade têm em nossa sociedade. De acordo com Louro (2014, p.31) “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis, portanto, passíveis de transformação”. Dessa forma, para uma melhor compreensão dos respectivos assuntos, se faz necessário conceituá-los.

[...] *identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/a. Por outro lado, os sujeitos também se identificam social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*. (LOURO, 2014, p. 30)

Evidentemente, as identidades sexuais e de gênero estão amplamente relacionadas e ligadas ao nosso pensamento, à nossa linguagem e em nossas práticas de uma forma geral, muitas vezes nos confundido e se tornando ainda mais difícil distinguir ou se quer pensá-las distintivamente, porém, elas não são a mesma coisa. Para Louro (2014), tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade, as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento, não existe um momento fixo – nascimento,

adolescência ou maturidade – que possa ser tornado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja estabelecida.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática autêntica, facilmente assumida; *nenhuma* identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. (BRITZMAN, 1996, apud LOURO, 2014, p. 31).

Ainda com base na mesma pesquisadora, as identidades de gênero podem ser pensadas da mesma forma que a anterior, já que também estão se transformando de forma contínua, pois em suas relações sociais, diferentes discursos e práticas os indivíduos vão se construindo como masculino ou feminino e suas formas de ser e de estar no mundo. Portanto, a identidade de gênero é a forma como cada pessoa se sente, a qual pode corresponder ou não com o sexo atribuído após seu nascimento, incluindo a vivência pessoal do corpo.

Então, ser feminino ou masculino faz parte de uma construção social, são “papéis” marcados pela sociedade em que estão envolvidos nesse processo a família, a escola, a igreja e outras vivências ligadas ao relacionamento social de cada indivíduo. As representações do ser masculino e do ser feminino se constroem e se transformam com o tempo, a história, os lugares, as identidades sexuais, étnicas, de raça ou classe. (LOURO, 2014).

É sabido que mesmo através dos movimentos feministas, estudos científicos e clareza na conceituação da identidade de gênero, ainda existem homens e mulheres que “assumem modelos de comportamento que lhe são socialmente impostos como se fossem naturais, partilham pressupostos e contribuindo para acentuar a diferença de gênero” (RABELO, 2013, p.911). Para a autora, “os estudos de gênero consideram a diferença entre os sexos como uma construção social que muitas vezes tem gerado desigualdades” (RABELO, 2013, p. 911)

[...] a discriminação tem sua origem na “forma de pensamento social que diferencia valorativamente os modelos de pessoa masculina e feminina e as funções sociais dos dois sexos”. Por isso, importa analisar não as diferenças entre homens e mulheres, mas o *pensamento social* sobre a diferenciação entre o masculino e o feminino, ou seja, a epistemologia do senso comum sobre os sexos, a ideologia e as relações intergrupos. [...] não é somente o homem, enquanto *sexo dominante*, que impõe seu pensamento sobre a mulher; os dois sexos partilham/reproduzem determinados valores. Assim, as discriminações de gênero não são atribuídas nem só às mulheres nem só aos homens. (AMÂNCIO, 1998 apud RABELO, 2013, p. 911).

Assim, a origem da discriminação vem por meio da forma do pensamento social, neste caso, devem-se analisar não as diferenças entre o homem ou a mulher, e sim, o pensamento social que a ele é concedido.

De acordo com Louro (2014), a linguagem é um mecanismo mais eficaz e persistente na produção das desigualdades, tanto por estar sempre em nossas práticas e também por nos parecer quase sempre como algo “natural”. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários, pode se supor que ela é apenas um eficiente meio de comunicação, no entanto, a linguagem, além de expressar relações e poderes, ela os institui, produzindo e pretendendo fixar diferenças. Então, “a linguagem é um turbilhão e nos usa muito mais do que nós a usamos. Ela nos carrega. Molda, fixa, modifica [...]”. (PORTINARI, 1989 apud LOURO, 2014, p.69).

Nos estudos da gramática, escrevemos e produzimos discursos sem questionar o uso que fazemos de determinadas palavras e expressões. Parece ser muito normal uma mulher se referir a si própria no masculino, como também, por exemplo, um professor, ao se referir à turma cheia de mulheres, empregue o masculino por ter visto um homem entre as mesmas, tendo como intuito e/ou finalidade dar conta do coletivo. Desse modo, percebe-se que a linguagem demarca os lugares fazendo o “ocultamento feminino”. Para Louro (2014), já aprendemos e internalizamos essa norma como uma regra da gramática que exige o uso do termo masculino para esses fatos, no entanto, estudiosas/os feministas vêm alguns anos sugerindo mudanças para as fórmulas não sexistas⁵ de tratamento, porém, ao mesmo tempo que seus esforços são aceitos, também são menosprezados.

A conformidade com as regras de linguagem tradicionais pode impedir que observemos, por exemplo, a ambiguidade da expressão *homem* – que serve para designar tanto o indivíduo do sexo masculino quanto toda a espécie humana. Aprendemos que, em muitas situações, a palavra supõe todas as pessoas, englobando, portanto, homens e mulheres. (LOURO, 2014, p.70)

Contudo, diante dos estudos e diálogos feitos através das publicações dos autores, é possível afirmar que os estudos feministas trazem também em sua “luta” as diferenças da linguagem em torno do gênero feminino que contribuem para a desigualdade de gênero utilizando atribuições que buscam dar conta do coletivo. Porém, pensando em um dos temas

⁵ Para explicar o referido vocábulo, me baseio na conceituação de Jesus (2015), que conceitua sexismo como um fenômeno universal e milenar da diferenciação social entre homens e mulheres ligada ao conceito de sexo biológico. Crença de que os homens, como indivíduos do sexo masculino, seriam o padrão “normal” da sociedade, o que incorre na suposição de que mulheres, como indivíduos do sexo feminino, seriam inferiores e subordinadas aos homens.

que norteiam este trabalho “o professor homem” ou “homem no magistério” e com bases nas leituras feitas, percebe-se que o ocultamento também pode ser visto de uma forma inversa, podendo ser denominando de “ocultamento masculino”, pelo fato de demarcar o coletivo como feminino, mesmo havendo o masculino presente no mesmo espaço. “[...] a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas no ocultamento feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos” (LOURO, FELIPE e Goellner 2010, p. 70).

Portanto, tendo como base o homem como docente, esse processo do ocultamento masculino pode ser observado através da inserção das mulheres no campo educacional, já que as mesmas, aos poucos, vão ganhando mais espaço e denominando o mesmo como feminino, ou seja, construindo a tão conhecida feminização do magistério, ganhando espaço tanto em sua formação como no ambiente de trabalho. Como afirma Carvalho (2000), o processo de feminização da profissão docente, especialmente nas séries iniciais da escolarização, tem sido frequentemente associado apenas ao ingresso de mulheres no magistério.

Cabe salientar a suma importância que os estudos de gênero têm para a análise da presença dos homens em atividades que são socialmente consideradas femininas, principalmente os professores homens que decidem atuar nos anos iniciais do ensino fundamental. De acordo com Rabelo (2013), o trabalho desses profissionais entra em conflito com as expectativas e pode mostrar exceções aos padrões de gênero ou tentativas de reafirmação de sua “masculinidade”.

[...] o sentido feminino da profissão do magistério ultrapassa o fato de a mulher ser a maioria dos docentes, pois a feminização acontece em espaços e práticas que, mesmo quando ocupados por homens, fazem com que o magistério seja uma profissão feminina em decorrência de uma atribuição social ligada a um significado de gênero independentemente do sexo de quem exerce. (RABELO, 2013, p. 911)

Assim, é possível perceber que o magistério tem sido demarcado como uma profissão feminina através de uma atribuição que foi construída socialmente ligada ao gênero feminino, e que a maioria dos professores do sexo masculino que atuam ou pretendem atuar nos anos iniciais do ensino fundamental sentem essa questão de gênero e vivenciam a discriminação em muitas vezes, principalmente aqueles que procuram por vagas em escolas privadas, já que muitas delas mantêm e preferem que o corpo docente seja composto por mulheres, diferentemente da instituição pública que o docente é “contratado” através de sua aprovação no concurso público. Para Louro (2014), a escola é *atravessada pelos gêneros*; e é impossível

pensar nela e deixar de lado as reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino.

Com isso, se faz necessário ter alguns questionamentos: Qual é o gênero da escola? Por que a escola, ou melhor, a atuação nos anos iniciais se tornou um campo de atuação feminina? O que as legislações dizem sobre a formação do docente para atuar nos anos iniciais? Fazem referência a um determinado gênero? É uma profissão feminina?

CAPÍTULO 2 – ESCOLA, GÊNERO E DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Sabe-se que ao pensar nos assuntos, diferenças, distinções e desigualdades, logo, é possível lembrar-se da escola, pois é nela que todas essas ações, ou muitas delas, são produzidas. De acordo com Louro (2014), desde o seu surgimento, as instituições escolares exerceram uma ação que estabelecia a diferença, separando os sujeitos daqueles que não tinham acesso à unidade escolar, ou seja, tornando diferente aqueles que nela estavam, daqueles que não tinham a mesma oportunidade de ingresso. Além desta ação distintiva, ela também dividiu, internamente, os que dela participavam, através de seus mecanismos de classificação, hierarquização e ordenamento. Portanto, a escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna iniciou separando os adultos de crianças, católicos e protestantes, tornando-se diferente também para os ricos e pobres, e separando os meninos das meninas.

No interior das redes de poder, pelas trocas e jogos que constituem o seu exercício, são instituídas e nomeadas as diferenças e desigualdades. Certamente essas distinções se referem às várias categorias ou aos diversos “marcadores sociais”: gênero, classe, sexualidade, aparência física, nacionalidade, etnia [...] (LOURO, 2014, p. 47)

Então, é possível dizer que, desde seu surgimento, a escola produz a diferença e a desigualdade de várias formas, seja interna ou externamente. No entanto, devido essas distinções, principalmente o modo de como a escola foi concebida inicialmente – para acolher alguns, mas não todos – ela foi, lentamente, sendo “desejada” e requisitada por todos os sujeitos às quais havia sido negada. Nesse caso, sem entrar no mérito dessa discussão, novos grupos e movimentos sociais foram trazendo outras questões para transformar a instituição escolar das “diferenças”. Louro (2014), diz que essa transformação precisou ser diversa, sendo elas: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos e avaliações, que iriam, explícita ou implicitamente, “garantir” e, também, produzir as diferenças entre os indivíduos. Essas transformações surgiram ao perceberem as diferenças que estavam sendo produzidas e os efeitos que as mesmas estavam tendo sobre os sujeitos, principalmente na escolarização dos corpos e das mentes, como afirma LOURO (2014, p. 62).

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o

“lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. Através de seus quadros, crucifixos, santos ou esculturas, aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos “fazem sentido”, instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos.

Contudo, é possível perceber que a escola delimita, informa, regula e tenta padronizar todos que por ela passam. Como diz Louro (2014), os sentidos precisam estar aguçados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as várias formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar.

Os antigos manuais educacionais ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter como os corpos e almas de seus alunos e alunas. Através deste auxílio os educadores podiam ensinar os sujeitos: o modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos, e dessa forma, acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino da menina, ou seja, “as marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos”. Louro (2014, p 66).

Com toda certeza, as recomendações que vinham nos antigos manuais foram superadas. No entanto, nos dias atuais, outras regras, teorias e conselhos (científicos, ergométricos, psicológicos) são produzidos para se adequar as novas condições, aos novos instrumentos e práticas educativas. Ou seja, houve mudanças, mas a escola sob novas formas continua imprimindo sua “marca distintiva” sobre os indivíduos. Hoje, através de múltiplos e discretos mecanismos, escolariza-se e distinguem-se os corpos e as mentes.

Então, pode-se dizer que desde o início a escola já era marcada pela desigualdade e distinções, pois é perceptível que a instituição escolar desde seu ponto de partida além de padronizar os alunos que por ela passavam, ela os regulavam, mostrando o que era correto e incorreto para cada sujeito de acordo com seu sexo – masculino e feminino –, além de ensinar o cuidado que cada um deveria ter com seu corpo.

Contudo, pode-se entender que a escola desde seu surgimento já assumia – mesmo que de forma desconhecida – a idealização da heteronormatividade⁶, já que a instituição escolar

⁶ Para explicar o referido vocábulo, me baseio na conceituação de Jesus (2015). Para a autora, a Heteronormatividade ou Heterossexualidade Compulsiva, é a crença heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse o modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerado fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

“propõe” de forma objetiva e explícita, a constituição de sujeitos masculinos e femininos heterossexuais⁷, nos padrões da sociedade em que a escola se insere.

Louro (2014), diz que os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Devido a isso, não se pode continuar pensando na escola ou em tudo que a abrange, sem pensar na importância de gênero e sexualidade, já que ambos estão presentes seja de forma positiva ou negativa, ou até mesmo de forma oculta em todos os aspectos e processos escolares.

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz. [...] A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa de “despir”. (LOURO, 2014, p. 84 e 85)

Portanto, é indiscutível que o gênero e a sexualidade estão na instituição escolar, como também é possível afirmar que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, que por sua vez, também os constituem, ou seja, as instituições e práticas além de produzirem os gêneros, também são produzidas por representações de gênero, bem como por outras representações. Neste caso, pode-se dizer que essas instituições têm gênero, classe e raça. Ora, então, pode-se dizer que a escola é atravessada pelo gênero. Dessa forma, seria possível afirmar que a escola tem gênero? Qual é o gênero da escola?

De acordo com Louro (2014), algumas pessoas iriam responder rapidamente que a escola é feminina, por ser um local preferencialmente de atuação das mulheres, pois elas organizam e ocupam o espaço, elas são as professoras; a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, ou seja, por tarefas conhecidas tradicionalmente como femininas. Os discursos pedagógicos, as teorias, a normatização buscam mostrar que as práticas escolares devem estar próximas das relações familiares, no afeto, na confiança. Assim, em tais relações e práticas, as educadoras devem guardar e cuidar, semelhanças que remetem as mulheres no lar.

Ainda com base nessa mesma autora, outros irão dizer que a escola é masculina, já que nessa instituição se lida, fundamentalmente, com conhecimentos, e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens. Então, é possível afirmar que mesmo que as

⁷ De acordo com Jesus (2015), pode-se dizer que Heterossexual é a pessoa que se atrai afetivossexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

educadoras sejam mulheres, elas ocupam um universo marcado como masculino, pois além das disciplinas que foram construídas pela ótica dos homens, toda seleção, produção e a transmissão dos conhecimentos (programas, livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação “científicos” e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos.

Com base nos dois argumentos citados acima, percebemos que ambos fazem parte do que conhecemos e concordamos em relação às práticas escolares, já que as duas estão e são totalmente verdadeiras, por isso, fica difícil decidir qual é a resposta mais adequada ou completa.

O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. (LOURO, 2014, p. 93).

Historicamente, a escola veio ganhando um lugar especial dentre as demais instituições sociais, principalmente para os religiosos, o estado e família, pois a mesma foi se constituindo como necessária para a formação dos sujeitos, por isso, virou o grande alvo de atenção desses grupos. Assim, fez-se necessário o surgimento de dispositivos, arranjos e técnicas para operar na constituição de meninos e meninas, de homens e mulheres, estejam eles dentro ou fora da escola, já que a unidade escolar “fala” algo não apenas para quem dela participa, mas para todos de uma forma geral. Assim, Louro (2014), traz em sua obra os respectivos “mecanismos” que fazem parte da operação constitucional dos indivíduos e da escola, sendo eles: da arquitetura aos arranjos físicos, dos símbolos às disposições sobre comportamentos e práticas; das técnicas de ensino às estratégias de avaliação.

Contudo, com base na autora, fica difícil pensar sobre a escola sem que articule todos esses mecanismos e procedimentos, como também sem perceber como os mesmos agem em relação aos sujeitos, principalmente nos estudantes e educadores. “Para construí-los desta forma – para dar a esses sujeitos o sentido de pertencimento à instituição – ela terá de distingui-los dos outros, daqueles que estão fora de seus muros. A escola também atuará internamente, como vimos, de modo a distingui-los uns dos outros”. LOURO (2014, p. 95)

Como foi afirmado acima, os olhares sobre a escola estavam crescendo na sociedade moderna, e à medida que a instituição se tornava um lugar privilegiado, tudo em seu interior ganhava importância. Todavia, os olhares foram além das crianças e jovens e na forma de

discipliná-los, eles se voltaram também para os professores, já que seriam eles os responsáveis pela formação dos sujeitos, por isso, precisavam também ser disciplinados.

Assim, o processo educativo que se inicia nos tempos modernos, se firma na figura de um homem exemplar, este será responsável pelo comportamento de seus alunos, para que eles levem para fora da escola as virtudes que aprendeu com seu mestre. Devido a isso, se fazia necessário disciplinar esse educador, pois além de transmitir conhecimentos e saberes, o mesmo deveria ser um exemplo a ser seguido, portanto, seu comportamento, desejos, linguagens e até mesmo seu corpo e sua alma precisavam ser disciplinados.

O mestre – e o jesuíta é seu exemplo mais perfeito – é cuidadosamente preparado para exercer seu ofício. Ele se torna um “especialista da infância”, ele domina os conhecimentos e as técnicas de ensino, as armas para a conquista das almas infantis e para a sua vigilância, ele sabe graduar seus ensinamentos, estimular a vontade, treinar o caráter, corrigir com brandura – ele é o responsável imediato e mais visível da formação dos indivíduos. (LOURO, 2014, p. 96)

Portanto, é possível afirmar que o educador ou mestre que inaugura a escola moderna é um homem religioso. Devido essa questão as igrejas interessadas em ter um número maior de fiéis, irão investir e se ocupar com a formação de seus professores para conquistar as almas infantis. Esses primeiros mestres deveriam viver a docência como um sacerdócio e como uma missão que exige doação. De acordo com Louro (2014), sejam pastores, padres ou irmãos, esses religiosos acabam por construir uma das primeiras e fundamentais representações do magistério.

Uma das características que o mestre não deveria esquecer é o seu papel de educador, como afirma Louro (2014), que deveria combinar com a “paternidade” e, dessa forma, podemos perceber que muitas modificações sociais se transformaram com o passar dos anos até os dias atuais, mas essa referência ligada ao magistério parece ter permanecido.

Para que as ordens religiosas, as congregações e as associações tivesse um retorno “positivo” em relação ao que almejavam, foi preciso escrever manuais, criar regras, condutas para regular gestos, modos adequados para falar, andar, colocar as mãos e o corpo; diziam como deveriam corrigir e observar os estudantes, estimular o silêncio e a comunicação por sinais.

Um detalhado e minucioso conjunto de dispositivos de poder instituiu, simultaneamente, um conjunto de saberes sobre esses meninos e jovens, sobre seu corpo, sua sexualidade, sobre seus interesses e vontades, seus modos de compreensão e etc. Certamente

as religiosas que, a seguir, passam a se ocupar das meninas cristãs também se pautam por severos e detalhados regulamentos, os quais sob vários aspectos, se assemelham aos criados para as organizações masculinas (ainda que apontem, é claro, para as diferenças com as quais se espera “marcar” os distintos gêneros).

Cabe destacar que no Brasil a instituição escolar também é marcada pelo mestre masculino e religioso, os Jesuítas. Eles, além de tentarem a catequização dos índios, irão investir na formação dos meninos e adolescentes brancos pertencentes à classe dominante, neste caso, as primeiras escolas brasileiras eram constituídas em um espaço marcado como masculino e voltado para a formação de um católico exemplar. Esse modelo de ensino permaneceu no país por um bom tempo, mesmo depois de ter sido afastado oficialmente no final do século XVIII.

Assim, com o respectivo afastamento citado anteriormente, o processo educativo passa por algumas modificações, ao mesmo tempo em que existem as continuidades, também surgem as possíveis descontinuidades ou rupturas. Como afirma Louro (2014), magistério e escola, transformam-se historicamente. Os sujeitos que por esses espaços circulam vão se diversificando e a instituição por sua vez e por vários aspectos, se torna outra instituição. Entre todas essas mudanças, é perceptível sinalizar uma que marca de forma evidente o processo de transformação nas instituições escolares, que seria a conhecida *feminização do magistério*. Já que vimos acima que os primeiros professores na modernidade foram os homens, como explica atualmente termos a profissão de docente marcada pelas mulheres?

Ao falar sobre gênero no âmbito educacional e principalmente na presença do mesmo em relação à docência é impossível fechar os olhos para um acontecimento de cunho histórico como a presença majoritária das mulheres na Educação Básica, em especial, nos anos iniciais do Ensino Fundamental – 1º ao 5º ano. Desse modo, se faz necessário compreender quais foram às articulações que levaram as mulheres para a docência e ainda, por quais motivos elas têm permanecido, buscando entender quais variações ou “facetas” permeiam a formação do sistema educacional brasileiro.

Ao longo da segunda metade do século XIX, pode-se identificar no Brasil algumas transformações sociais que além de “abrirem a portas” das salas de aula para as mulheres, também vai permitindo que, aos poucos, elas predominem na profissão docente. A presença das mulheres no magistério no ensino primário⁸ - hoje nomeado de anos iniciais ou primeiro segmento do Ensino Fundamental - que pode ser observada ao longo deste século ocorre de

⁸ Nomenclatura que já foi utilizada no país, recomendada pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

acordo com Vianna (2001) em escolas que não mantinham vínculos com o Estado – chamadas escolas domésticas –, no entanto, esse processo vai se ampliando após a República e com a expansão das escolas públicas em meados do século XX.

Ao longo do século XX, a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, pode-se dizer que esse fato permaneceu e ocorre em especial na Educação Básica, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, tal modalidade de ensino que é um dos assuntos pesquisados desta monografia. É possível sinalizar que as mulheres também têm ocupado a maioria das vagas de docentes em escolas de Educação Infantil, no entanto, por essa modalidade não fazer parte dos objetivos deste trabalho, não se faz necessário focar na mesma.

De acordo com Rabelo e Martins (2010), até a independência do Brasil não existia educação popular, mas depois dela, o ensino em termos de lei se tornou gratuito e público, inclusive para as mulheres, porém, os conteúdos ministrados para essas alunas eram diferenciados daqueles ministrados aos alunos do sexo masculino. É a partir desse momento que a formação de professoras do sexo feminino se faz necessária, já que os tutores deveriam ser do mesmo sexo que seus educandos. De acordo com Hypolito (1997 p. 59), no Império aconteceram as primeiras definições sobre a educação feminina por conta do “ingresso maciço de mulheres no magistério e a ampliação da escolarização feminina”.

É importante destacar que nesse período o currículo do estudo feminino era diferenciado do masculino, no qual a primeira se dedicava a conteúdos pertencentes às atividades domésticas e o último ao raciocínio, como por exemplo, a geometria.

Vianna (2013) esclarece que para se tratar desse assunto, não se deve pensar apenas na presença do sexo feminino. A entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos, então, lembrar que se trata de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes média, estudosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. Vale a pena demarcar que nessa época a Escola Normal era uma das poucas oportunidades que as mulheres brasileiras tinham para continuar seus estudos além de concluírem o ensino primário.

Portanto, é através do magistério que a mulher brasileira pôde caminhar para uma vida profissional, pois esta foi uma das primeiras atividades profissionais dignas a essas mulheres e que também possibilitava uma conciliação com as atividades domésticas. Conforme afirma Hypolito (1997), as mulheres ingressaram neste campo pela compatibilidade de horários entre

o exercício do trabalho doméstico e o magistério, pois as professoras, além de lecionar, continuavam executando tarefas do lar, “próprias” do gênero feminino, cumprindo o papel de mãe, esposa e dona de casa.

Todavia, vale lembrar que o controle e administração do ensino continuavam na gerência masculina, ou seja, a mulher começa a ocupar uma profissão considerada como um trabalho feminino, mas são os homens que continuam “controlando” o modo de como o ensino deve ser trabalhado nas escolas. Como afirma Oliveira (2007, p. 664), “A educação seria um “reflexo” da correlação de forças vigentes na sociedade e, portanto, mera reprodutora dos interesses dominantes.”.

A educação aliava-se ao desejo de modernização das classes dominantes, pela necessidade que a produção tinha de contar com trabalhadores especializados. Deste modo, cresceram as pressões exigindo educação, e, com elas, primeiramente começou a expandir-se o número de professores masculinos, simultaneamente acentuou-se a admissão de mulheres na Escola Normal, que era o único lugar em que elas podiam prosseguir os estudos de forma aprovada pela sociedade. (RABELO, MARTINS, 2010, p. 6171)

Com o crescimento das pressões em relação à expansão do ensino público, se fez necessário ampliar o mesmo, no entanto, é possível perceber que houve um interesse e/ou objetivo político e econômico na ampliação da participação das mulheres no magistério, devido à necessidade na redução de gastos com o professorado, pois como afirma Rabelo e Martins (2010), as mulheres ganhavam menos e, para que conseguisse expandir o ensino para todos, era necessário que o governo gastasse menos com os professores. Nesse caso, os homens – provedores de família – não aceitariam um salário muito baixo, então era necessário que a mulher assumisse a profissão por sua suposta natural “vocação”. Com isso a desvalorização da profissão foi aumentando, junto com a justificativa de que a mulher deveria ter o “dom” para o magistério, e seu salário poderia ser menor, já que não precisaria sustentar a família, pois caberia ao homem essa função.

Para que a escolarização se democratizasse era preciso que o professor ganhasse pouco: o homem, que procura ter reconhecido o investimento na formação, tem consciência de seu preço e se vê com direito à autonomia – procura espaços ainda não desvalorizados pelo feminino. Por outro lado, não se podia exortar as professoras a serem ignorantes, mas se podia dizer que o saber não era tudo nem o principal. Exaltar qualidades como abnegação, dedicação, altruísmo e espírito de sacrifício e pagar pouco: não foi por coincidência que este discurso foi dirigido às mulheres. (CATANI, 1997 apud RABELO, MARTINS, 2010, p. 6171)

Com a República (1889), houve ainda mais pressão para a necessidade de ampliação das oportunidades educacionais. Nessa época, os republicanos já consideravam o magistério uma profissão feminina por excelência, pois já tinham sido influenciados através da perspectiva de que a mulher era naturalmente dotada da capacidade para cuidar das crianças.

Com isso, as mulheres começam se dedicar ainda mais nos Cursos de Formação de Professores e a partir da segunda década do século XX, as mesmas abraçam “amplamente” o magistério e os homens tentam buscar vantagens financeiras em outras áreas.

Dessa forma, os professores homens vão abandonando as salas de aula do primário e a Escola Normal vai formando ainda mais o número de mulheres. Como afirma Vianna (2013), no final da década de 1920 e início da de 1930, a maioria do magistério primário já era feminina, já que o Censo Demográfico mostrava que 72,5 % do conjunto do professorado brasileiro do ensino público primário era composto por mulheres.

Com base em Louro (2014), aos poucos crescem os argumentos a favor da instrução feminina, e esse argumento irá direta ou indiretamente afetar o caráter do magistério iniciando com a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a *feminização do magistério*.

Portanto, a progressiva expansão da oferta de vagas nos cursos do ensino primário e o crescimento do ensino público, faz com que a presença feminina no magistério vai se estendendo ainda mais, aumentando o número de professoras formadas no Ensino Normal. Então, pode-se dizer, de acordo com Hypolito (1997, p.48), que o processo de feminização do magistério, sem dúvida alguma, está associado à expansão da escola, “fruto das transformações políticas, sociais, culturais e econômicas que se cristalizaram no século passado e nas primeiras décadas do século atual”. Para Oliveira (2007, p. 666), esta expansão, de evidente característica democratizadora, confronta-se com uma perspectiva política de redução de investimento público em educação, decorrente das opções macroeconômicas do ajuste fiscal e da geração de *superávits* primários.”.

Assim, Vianna (2001), analisa que em 1997 o Ministério da Educação (MEC), através do seu Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), realizou pela primeira vez em âmbito nacional, o Censo do Professor, abrangendo um total de 1.617.611 professores das redes públicas e privadas do ensino básico. De acordo com o mesmo, o levantamento realizado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) com 52 mil professores brasileiros mostra que 97,4% dos docentes de 1ª a 4ª série – nomenclatura utilizada na época – do Ensino Fundamental são mulheres.

De acordo com Vianna (2013), desde o início do século XX o rebaixamento dos salários é uma das principais características da docência associada ao curso primário.

As medidas que acompanharam todo o processo de expansão do Ensino Primário afetaram diretamente as condições do trabalho docente. Foram elas: oficialização do magistério leigo, supressão do quinto ano, redução da duração do curso primário em dois anos, facilitação dos Cursos Normais, três ou mais períodos de aula, regime de quatro turnos, construção de galpões escolares de madeira e sem as mínimas condições para a atividade docente. (VIANNA, 2013, p. 167)

Assim, somando os baixos salários, as precárias condições de trabalho, a perda da autonomia e entre outros aspectos ligados a expansão do ensino público gratuito, os homens vão se distanciando da respectiva profissão.

Para Vianna (2013), as imagens socialmente consolidadas sobre a profissão docente também caracterizam algumas das continuidades e das modificações nas formas antigas e novas de se definir docência e perceber as diferentes imagens sobre o professorado brasileiro. “As expressões das masculinidades e das feminilidades são historicamente construídas e referem-se aos símbolos culturalmente disponíveis em uma dada organização social, às normas expressas em suas doutrinas e instituições, à subjetividade e às relações de poder estabelecidas nesse contexto” (VIANA, 2013, p. 171).

Então, criam-se vários estereótipos sobre os sujeitos masculinos e femininos, neles, os homens são agressivos e racionais, já as mulheres são dóceis, relacionais e afetivas. Os primeiros são vistos como provedores e relacionados ao uso do poder, as últimas, normalmente são associadas às atitudes como alimentação, maternidade, cuidado e educação. Devido a essas distinções e as relações construídas sobre os sujeitos, “a relação entre as expressões da masculinidade e da feminilidade, mesmo estereotipadas e cristalizadas, e a própria docência permitem ver a feminização do espaço escolar e das atividades docentes até mesmo quando ocupados por homens” (VIANNA, 2013, p. 174). Nesse caso, além da ampliação do ensino público, utilizam-se outros fatos, como por exemplo, a maternidade, a sensibilidade e o cuidado levando-nos a “compreender” por quais motivos a mulher foi predominando em uma área que foi demarcada na modernidade pelos homens. Então, o que se queria era um prolongamento da educação aos lares, “e quem melhor que as mães poderiam educar a infância alheia, por virtude de seus predicados naturais já postos em prova na família pelo exercício do magistério”. (CARVALHO E VIDAL, 2001, p. 216)

Portanto, pode-se afirmar que existem profissões que são vistas como femininas independentes do sexo de quem as exercem, pois elas estão ligadas ao serviço e cuidados relacionados ao que é historicamente e socialmente feminino.

Deste modo, podemos dizer que a análise do exercício da docência, com base nas relações de gênero, mostra sua feminização na medida em que o significado comumente atribuído às mulheres são acionados por professores e professoras – com ênfase nas séries iniciais do Ensino Fundamental [...] – indicando a feminização docente contida na diluição da separação tradicional entre masculino/feminino; público/privado; racional/afetivo quando se trata das práticas dessa categoria. (VIANNA, 2013, p. 176)

Para Louro (2014), em seu processo de feminização, o magistério precisa tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, e etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente. Pois a representação do magistério é transformada, nessa transformação as professoras são compreendidas como mães espirituais e cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu filho ou filha. As marcas religiosas da profissão permanecem, sendo reinterpretadas através dos nossos discursos e símbolos, já o caráter de doação e de entrega se mantém igual ao que se associava à atividade dos primeiros docentes da modernidade.

Assim, as Escolas Normais tem um aumento de moças, e esses cursos começam a construir suas normas, práticas e currículos de acordo com as concepções femininas.

“não é nenhuma coincidência” que, neste momento, os cursos de formação de docentes passem a abrir e se dirigir mais às mulheres. Isso ocorre à medida que as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como fundamental, passam a considerar o amor como parte do “ambiente facilitador” da aprendizagem. A representação do magistério passa, então, a ser mais claramente feminina – pelo menos do magistério que tem como alvo as crianças, o magistério primário ou de primeiro grau. Será endereçada especialmente para essa professora a fala dos políticos, os conselhos religiosos, as expectativas dos pais de família. Objeto de poesia, músicas, datas comemorativas, alegorias e exortações, ela irá, assim, se constituindo, adquirindo contornos que permitem reconhecê-la imediatamente. (WALKERDINE, 1995, p.212)

Contudo, atualmente existe uma presença mais significativa de homens na função de educador, entretanto, há um crescimento significativo dos mesmos em outros níveis e modalidades de ensino por “oferecerem” maior remuneração e por terem mais prestígio do que no ensino primário, pois como já era observado por Rabelo e Martins (2010), no decorrer

do século XX, os homens que se dedicavam à educação apresentavam facilidades de promoção na carreira do magistério e no sistema educacional de forma geral, conseguindo chegar mais facilmente do que as mulheres a cargos administrativos nas instituições de ensino. Esse fato poderá ser observado nos gráficos e na tabela abaixo, comprovado que o perfil do docente masculino vai aumentando à medida que se caminha dos anos iniciais para o Ensino Médio e para a Educação Profissional.

Desta forma, com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio - do ano de 2007, é possível apresentar as informações sobre os educadores das escolas brasileiras que exercem sua profissão em escolas públicas ou privadas. Para a realização desse censo foram coletadas informações de 1.882.961 professores. Através do levantamento realizado com o professorado brasileiro, percebe-se que, entre os docentes que atuam nos anos iniciais, existe a predominância feminina. Na Educação Infantil – antes nomeada e dividida em creche e pré-escola – e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a docência é composta pelas mulheres de forma predominante (98%, 96% e 91%), diferentemente dos homens em que o percentual fica respectivamente entre 2%, 4% e 8%.

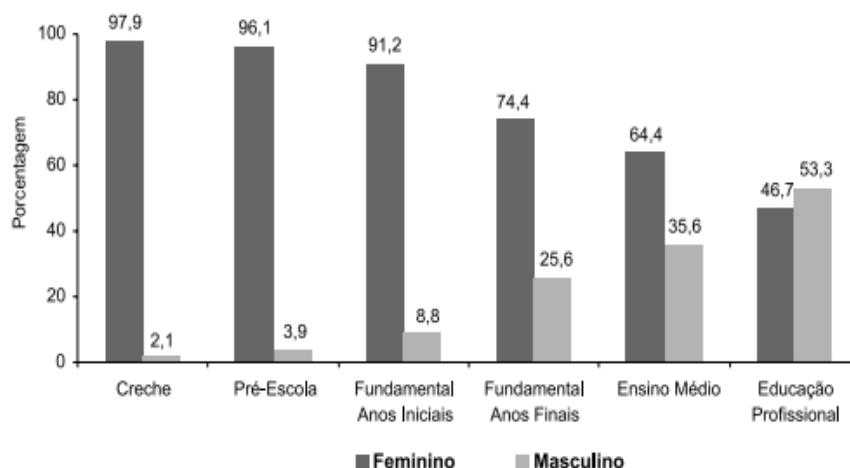


Gráfico 1 – Professores das Etapas da Educação Básica segundo o Sexo – Brasil – 2007
 Fonte: MEC/Inep/Deed

Figura 1- Quantitativo dos professores que atuam em escolas (Brasil)⁹

⁹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>

Filtrando os resultados e analisando os mesmos referentes ao município do Rio de Janeiro, percebemos que nada muda, já que a presença feminina predomina de forma visível o corpo docente nas escolas no Ensino Fundamental. Cabe destacar que além da imagem acima se faz necessário “trazer” dados mais específicos em relação ao foco dessa respectiva pesquisa, como por exemplo, o município do Rio de Janeiro e a primeira etapa dos anos iniciais.

No comparativo abaixo é possível perceber que assim como no Brasil as professoras também ocupam maior parte das vagas de docentes nas escolas do Rio de Janeiro na Educação Básica. Desta forma, pode-se afirmar que ao comparar os dados do respectivo país com o do município carioca o quantitativo de professores do sexo feminino alcança o percentual de 81,94% e 81,60%, já em relação aos do sexo masculino chega a 18,06% e 18,40%.

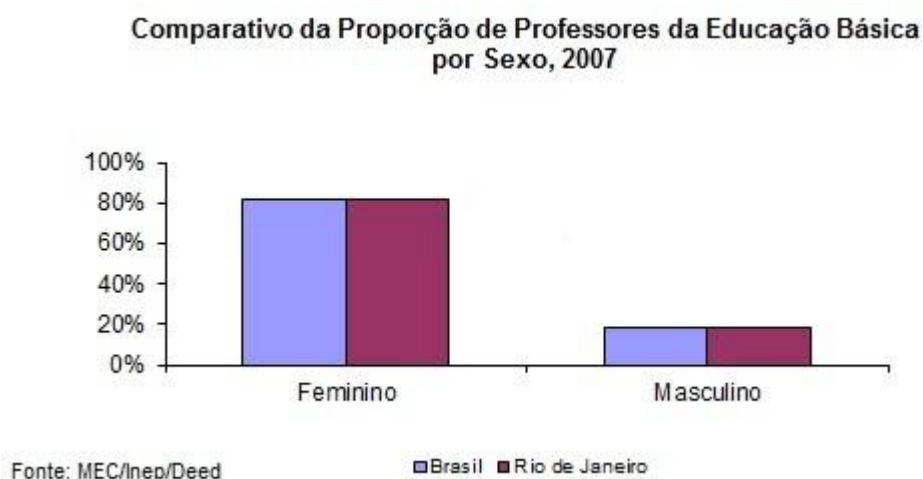


Figura 2 - Quantitativo dos professores que atuam em escolas (Brasil x Rio de Janeiro)¹⁰

Na imagem seguinte são apresentados os valores absolutos dos professores atuantes na Educação Básica por sexo no Rio de Janeiro, no entanto, nesta, o quantitativo está separado de acordo com cada etapa de ensino, mostrando-nos que, de fato, em todas as modalidades a predominância do sexo feminino permanece. Contudo, já que o eixo deste trabalho são os professores dos anos iniciais deste mesmo município, é possível observar que dos 47.453 educadores que compõem o corpo docente das escolas, 44.460 são as mulheres e 2.993 são os

¹⁰ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>

homens, ou seja, os professores do sexo masculino não somam nem a metade dos professores que participaram deste Censo.

PROFESSORES
RIO DE JANEIRO
Tabela A1 - Número de Professores da Educação Básica por Sexo, segundo as
Etapas / Modalidades de Ensino - 2007

Etapas / Modalidades de Ensino	Professores por Sexo		
	Total	Feminino	Masculino
Educação Básica	133.517	108.953	24.564
Educação Infantil - Creche	6.007	5.881	126
Educação Infantil - Pré Escola	17.024	16.319	705
Ensino Fundamental - Anos Iniciais	47.453	44.460	2.993
Ensino Fundamental - Anos Finais	47.991	35.069	12.922
Ensino Médio	34.143	21.336	12.807
Educação Profissional	4.527	2.048	2.479
Educação Especial	3.234	2.907	327
Educação de Jovens e Adultos	16.069	11.426	4.643

Fonte: MEC/Inep/Dedd

Figura 3 - Quantitativo dos professores que atuam em escolas (Rio de Janeiro)¹¹

De acordo com a Sinopse Estatística da Educação Básica¹², é possível ter dados mais recentes referentes aos educadores com base no Censo Escolar junto aos estabelecimentos de ensino, através de pesquisas feitas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e por intermédio da Diretoria de Estatísticas Educacionais (Dedd). Achei necessário fazer nesta pesquisa um recorte e um filtro traçando os aspectos mais relevantes para essa pesquisa, como por exemplo, a região geográfica (Sudeste), a unidade de federação (Rio de Janeiro) e o município (Rio de Janeiro), tais aspectos que são de suma importância para o assunto tratado nesta respectiva pesquisa.

Na figura abaixo, é possível perceber que mesmo após alguns anos, a presença das mulheres no magistério tem ocorrido de forma maçante em relação aos homens no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Destaco que os dados das imagens que estão sendo apresentadas referem-se aos professores/as que atuavam como regentes na data da referência do Censo Escolar.

¹¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/plano-nacional-de-formacao-de-professores/censo-do-professor>

¹² Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>

DOCENTES

Ensino Fundamental - Anos Iniciais

Número de Docentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Ensino Regular e/ou Especial, por Sexo, segundo a Região Geográfica, a Unidade da Federação e o Município - 2015

Região Geográfica	Unidade da Federação	Município	Número de Docentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - Ensino Regular e/ou Especial		
			Total	Sexo	
				Feminino	Masculino
				Total	Total
Sudeste	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	20.824	18.533	2.291

Fonte: INEP – Censo da Educação Básica 2015

Figura 4¹³ - Quantitativo dos professores em escolas no ano de 2015 (Rio de Janeiro)

Então, analisando os respectivos dados – 1997 2007 e 2015 - é possível afirmar que através da expansão do ensino e de “estratégias” econômicas por parte do governo brasileiro, alguns homens são “obrigados” a abandonar a profissão devido à má-remuneração ou são incentivados a “crescerem” na profissão em áreas administrativas e em outras modalidades de ensino, tal fato que pode ser observado nos dados apresentados – figuras 2 e 3 -, pois a presença de professores do sexo masculino vai aumentando de acordo com cada etapa de ensino. Já a mulher é “incentivada” a se dedicar na área educacional, principalmente no trabalho com as crianças – primeira etapa do Ensino Fundamental -, e com o passar do tempo essa área termina por se vista como uma profissão feminina por excelência, inclusive, associando-a a necessidade de qualidades “femininas”, como por exemplo, a maternidade e a sensibilidade, tratando-as como um “dom” feminino.

Nesse caso, podemos entender que muita das vezes a escolha profissional dos sujeitos – homens e mulheres – acaba sendo definida e/ou influenciada pela relação de poder das autoridades e pelas representações que foram sendo construídas e fixadas na sociedade, que

¹³ Foi necessário fazer uma edição na tabela contemplando apenas os dados necessários para a respectiva pesquisa.

têm suas bases na história da *feminização do magistério*, ao divulgar que as profissões ligadas a “emoção” e a “sensibilidade” são exclusivas e próprias das mulheres.

Por isso, dizer que o magistério é um campo de atuação somente das mulheres como em muitos discursos, é anular toda história do professorado. Os homens participaram desta história, sendo eles professores, alunos e gestores. Eles já foram considerados “especialistas da infância” na modernidade e com o passar dos anos essa associação foi sendo totalmente revertida para as mulheres. Ora, através do que foi descrito até aqui é possível entender como ocorreu o processo de *feminização do magistério*, mas, o que será que as legislações educacionais dizem sobre a atuação do homem? Será que, legalmente, é uma profissão feminina?

Antes de apresentar qualquer lei, é preciso lembrar que nos dias de hoje as instituições formam docentes sem distinção entre os sexos, como também é possível perceber que na própria legislação a palavra utilizada para se referir aos profissionais de ensino é a de docente, ou seja, englobando ambos os sexos. Apoiando-me no Dicionário Essencial da Língua Portuguesa (DELP), a palavra docente significa aquele “que ensina. Relativo ao ensino ou ao professorado” (2001, p. 395).

Ao analisar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), tal legislação que regulamenta o sistema de educação brasileiro atualmente, a mesma traz em seu documento que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal. (BRASIL, art. 62, 1996).

Analisando as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura, é possível verificar a descrição a seguir:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógico”. (BRASIL, art. 4º, 2006).

Através das legislações citadas anteriormente, se pode afirmar que o profissional na área da educação pode receber seu diploma cursando o nível superior e o ensino médio – Curso Normal. No entanto, em nenhum momento estas legislações que estão em vigor fazem distinções entre os sexos, ou seja, tanto os homens quanto as mulheres estão aptos/as a exercerem a profissão docente, em especial no primeiro segmento do Ensino Fundamental. Porém, sabe-se que muitas instituições de ensino preferem fazer a separação desses profissionais, alegando que o trabalho com os anos iniciais deve ser feito pela professora, tal construção que foi crescendo desde a expansão do ensino público e também através dos estereótipos que foram sendo definidos entre os sujeitos do sexo masculino e feminino, como já foi citado anteriormente.

Percebe-se que as leis abrangem de forma satisfatória e igualitária ambos os sexos, neste caso, se faz necessário entender por quais motivos muitas unidades de ensino, principalmente a rede privada continua insistindo na *feminização do magistério*, já que muitos anos se passaram e estudos recentes têm mostrado todo o processo histórico do professorado e suas respectivas “facetas” em torno da construção professora “tia”.

Mesmo sabendo que as mulheres têm “dominado” de forma ampla as vagas de docente no Ensino Fundamental nos anos iniciais, muitos homens não desistem de seguir a carreira como educadores, estudam, conhecem as leis, sabem do prestígio que muitas mulheres têm na maioria das escolas privadas, mas mesmo assim, se formam e saem em busca de oportunidades de trabalho referente a sua formação. No entanto, é preciso saber, como esses professores do sexo masculino tem se inserido no Ensino Fundamental nos anos iniciais nas escolas de rede privada no Rio de Janeiro? Vale ressaltar, que essa pergunta se destina as unidades privadas por saber que nas escolas públicas os mesmos não são avaliados pelo seu currículo, aparência e sexo, mas sim, através do concurso público.

CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE DADOS

Dentre do que já foi descrito nos capítulos anteriores é possível perceber que a presença feminina tem sido marca registrada em muitas escolas de primeiro segmento do Ensino Fundamental. Acredita-se que em muitas situações há estranhamentos e/ou rejeição da presença do sexo masculino nessa modalidade de ensino. Ora, os homens conseguem se inserir nas instituições para concluírem sua formação como docente, mas é preciso averiguar como tem sido esse processo de inserção fora da Escola Normal e das Universidades, ou seja, é preciso analisar como tem sido à busca desses professores nas escolas, principalmente na rede privada, já que nas unidades públicas os professores são efetivados através de concurso público. Neste caso, para obter essa informação foi necessário ir a campo pesquisar como tem ocorrido esse processo de inserção dos professores nas escolas privadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

De acordo com Minayo (2010), entende-se por metodologia o caminho e a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, a metodologia compreende a teoria da abordagem (método), as técnicas e a criatividade do pesquisador. Nesse mesmo sentido, Lüdorf (2004) afirma que o método é conjunto de procedimentos que serão adotados para fins específicos de uma pesquisa, incluindo algumas técnicas ou instrumentos, os quais deverão ser descritos.

A seção de metodologia contempla a descrição da fase de exploração de campo (escolha do espaço da pesquisa, critérios e estratégias para escolha do grupo/sujeitos de pesquisa, a definição de métodos, técnicas e instrumentos para a construção de dados e os mecanismos para entrada em campo), as etapas do trabalho de campo e os procedimentos pra análise. DESLANDES (2010, p. 47)

Portanto, apoiando-me nos conceitos trazidos por Lüdorf (2004, p.82), essa monografia é caracterizada pela pesquisa “teórico-empírica”, pois além do estudo bibliográfico, também foi feito um estudo empírico, ou seja, houve uma coleta de dados (entrevista) através de uma pesquisa de campo, tornando-a uma pesquisa de cunho qualitativo, na qual serão analisados os estudos bibliográficos, alguns dados – senso do professor – e as entrevistas.

Portanto, com a finalidade de responder e compreender as indagações que fizeram parte dos capítulos teóricos, esse trabalho de método qualitativo pretende atribuir significados aos sujeitos dessa pesquisa. Desta forma, precisei buscar os professores aptos a trabalharem

nessa modalidade de ensino com o objetivo de entender sua trajetória como educadores e como ocorreu a busca e o processo de inserção dos mesmos no mercado de trabalho.

Assim, procurei por esses educadores em uma comunidade do Facebook nomeada de “Educação – Vagas” e também “contei” com as indicações de amigos que conheciam alguns docentes para que então eu pudesse desenvolver a coleta de dados. Cabe destacar que procurei os professores nessa página da rede social por ser membro da mesma e perceber que nessa comunidade havia um grande número de docentes que queriam se inserir no mercado de trabalho, já que o grupo era voltado para indicações de vagas no magistério. Outro fato é por ter observado que em algumas publicações diziam a necessidade de contratar docentes para atuar nos anos iniciais e também alguns cargos de pedagogo, mas logo abaixo vinha uma observação alegando que a preferência e/ou prioridade para compor a vaga deveria ser do sexo feminino¹⁴, ou seja, era um grupo voltado para oportunidades de trabalho como professor, mas, em sua maioria as vagas para atuar em determinadas escolas privadas eram voltadas para o sexo feminino. Então, resolvi buscar os sujeitos para compor essa pesquisa através de uma publicação formal com uma apresentação pessoal, acadêmica e do tema deste trabalho.

De acordo com Minayo (2010, p.61), “o *trabalho de campo* permite aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social”. Para a autora, existem várias técnicas e instrumentos de realizar o trabalho de campo em uma abordagem qualitativa, e como já foi informado anteriormente, para essa pesquisa foi escolhido a entrevista por perceber que a mesma é uma técnica privilegiada de comunicação. Além, de perceber que a mesma tem uma grande vantagem na interação entre pesquisador e pesquisado, conforme afirma, Costa, M.A.F. e Costa, M.F.B (2012)

Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objeto. MINAYO (2010, p. 64)

¹⁴ Ver Anexo 3

Para a coleta de dados foi utilizado como instrumento um roteiro com perguntas semiestruturadas¹⁵ (algumas questões estruturadas que permitem certa abertura no momento da interação), para que, dessa forma, o entrevistado pudesse falar mais a vontade sobre sua vida (breve apresentação pessoal), processo de formação, vivências em seus estágios e escolas e a busca como docente em unidades privadas nos anos iniciais. Além do roteiro, também foi utilizado um gravador com o objetivo de fazer a gravação de toda a conversa.

É importante destacar que foram entrevistados 04 (quatro) professores do município do Rio de Janeiro aptos a exercerem sua formação nos anos iniciais do Ensino Fundamental e que aceitaram participar da respectiva pesquisa. Cabe ressaltar que ao todo “apareceram” 10 (dez) professores interessados, no entanto, 01 (um) desistiu por falta de tempo e 04 (quatro) deles não moravam no município do Rio de Janeiro. As entrevistas foram realizadas em diversos bairros, procuramos (entrevistador e entrevistado) lugares calmos para que pudessemos gravar a conversa de forma satisfatória, assim, as mesmas foram concluídas em: duas em universidades (Estácio e UERJ), uma em minha residência e outra em um Centro Cultural localizado no Méier.

As perguntas utilizadas no roteiro são úteis para que o leitor perceba, através das respostas, como ocorre o processo de inserção dos professores homens na respectiva modalidade de ensino já citada. Destaco que o roteiro pedia que o sujeito entrevistado fizesse uma apresentação pessoal, no entanto, respeitando os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, afirmo que os dados obtidos nesta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes seja no trabalho escrito que venha ser publicado ou em nenhum tipo de apresentação oral.

Assim, seguem, abaixo, as perguntas que conduziram as entrevistas com os docentes, todas além de estarem relacionadas ao tema desta pesquisa, também estão totalmente voltadas para o objetivo principal da mesma, “analisar e discutir o porquê em pleno século XXI muitas escolas privadas impendem que o professor do sexo masculino exerça sua profissão junto às crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental”.

Pergunta 1: Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Pergunta 2: Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?

Pergunta 3: Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.

Pergunta 4: Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.

¹⁵ Anexo 1

Pergunta 5: Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado apenas?

Pergunta 6: Atua como professor? Em qual ano?

Pergunta 7: Escola pública ou privada?

Pergunta 8: Quanto tempo atuando como docente?

Pergunta 9: Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?

Pergunta 10: Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?

Pergunta 11: - Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada por parte dos diretores/as e coordenadores/as?

Portanto, através da técnica, dos instrumentos e dos procedimentos (desde a busca pelos sujeitos em uma comunidade no Facebook até a análise dos dados encontrados a partir das categorias primárias¹⁶) utilizados para a conclusão desta pesquisa, a seguir, apresento as respostas obtidas. Vale ressaltar que as entrevistas por terem sido gravadas através de áudio foi necessário fazer a transcrição das mesmas, tais entrevistas que estão anexadas a este trabalho na íntegra. Devido ao sigilo ético mencionado acima os professores participantes dessa pesquisa serão nomeados com nomes fictícios na seguinte ordem: João, José, Pedro e Felipe. As entrevistas foram realizadas com os respectivos educadores entre os dias 30 de novembro de 2016 até o dia 10 de dezembro do mesmo ano.

3.1 – Analisando os dados: O processo de inserção dos professores na rede privada nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Antes de tudo, se faz necessário fazer uma apresentação dos professores que aceitaram participar deste trabalho de conclusão de curso, neste caso, para uma melhor compreensão do assunto tratado e dos diálogos extraídos das entrevistas que serão trazidos para este capítulo, abaixo, apresento-lhes esses docentes com seus principais dados:

- **João** - Tem 24 anos, reside no município do Rio de Janeiro, atualmente cursa o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ - e é formado no Curso Normal realizado no Colégio Estadual Heitor Lira.

¹⁶ Referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. (MINAYO, 2010, p. 65)

- **José** – Tem 23 anos, reside no município do Rio de Janeiro, atualmente curso o curso de Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ – e é formado no Curso Normal realizado no Colégio Estadual Julia Kubitschek.

- **Pedro** – Tem 24 anos, reside no município do Rio de Janeiro, atualmente curso o curso de Administração pela Estácio e é formado como docente através do Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra.

- **Felipe** – Tem 30 anos, reside no município do Rio de Janeiro, atualmente realiza cursos de especialização na área educacional e é formado em Pedagogia pela Universidade Veiga de Almeida. É importante destacar que ele não fez o Curso Normal.

Agora que já conhecemos sucintamente os sujeitos que fazem parte desta pesquisa é possível analisar através das entrevistas realizadas como tem sido a trajetória dos mesmos em relação à formação de professores que desejaram concluir e seu processo de inserção no mercado de trabalho. Anteriormente foi possível perceber que dos quatro professores um deles não fez o Curso Normal, mas aqueles que o fizeram alegam que decidiram continuar no curso por desejarem sair do Ensino Médio com uma formação, conforme podemos perceber abaixo:

“[...] era uma oportunidade a mais que eu poderia ter, saindo com uma formação de professor, de repente alguma oportunidade pudesse surgir, alguma porta se abrir, era a oportunidade de ingressar na profissão que eu tinha e eu decidi continuar.” (JOÃO)

“[...] primeiramente eu optei por fazer uma formação que eu já saia com uma formação, né, então eu descobri o Normal através de uma vizinha minha que fazia nesse mesmo colégio, e procurei saber como que é a rotina, como é a questão da formação. E a partir daí eu tive interesse de entrar no Normal.” (JOSÉ)

“[...] eu queria um colégio profissionalizante, não queria fazer somente um Ensino Médio básico de formação geral, então, eu sempre gostei também da área de professor, aí optei de entrar lá no Carmela.” (PEDRO)

“[...] eu não fiz o Normal, já entrei no curso de Pedagogia. [...] Na época eu pensando no vestibular, achava que o Normal não me daria uma base para tá na Pedagogia, não só na Pedagogia, mas no nível superior. Mas assim, não fiz o Normal, fui pra uma escola de formação geral e aí após o Ensino Médio já decidido fui pra Pedagogia mesmo, direto.” (FELIPE)

Assim, percebemos que os professores optaram pela carreira docente pela necessidade de uma formação profissionalizante. A escolha pela profissão para esses rapazes não foi algo

pensado antes de entrarem nos cursos de formação ou até antes conhecê-los, pois a decisão ou a descoberta de que gostariam de serem professores ocorre tardiamente.

Parece, deste modo, que os homens que se dirigem ao magistério, atualmente, passam por um processo distinto das mulheres. Enquanto as escolhas femininas revelam-se em grande parte orientadas por uma lógica de “destinação” das mulheres para o ensino, as escolhas masculinas nesse percurso revelam-se bem mais tardiamente. (BUENO, CATANI e SOUSA, 2002, p. 55).

Após se inserirem no curso de formação de professores todos os educadores começaram a perceber que, além do futuro diploma teriam outros obstáculos pela frente, principalmente no que se refere à sua inserção em escolas privadas, e tudo isso começou antes mesmo de se formarem, pois para concluir o Curso Normal é necessário ter uma carga horária em estágios, além disso, muitos estudantes vão à busca de escolas que oferecem estágio remunerado que é muito bom para que eles tenham uma renda e ganhe ainda mais experiência. Porém, de acordo com os professores entrevistados, os mesmos não tiveram nenhuma recusa em seus estágios obrigatórios, já que em sua maioria foram feitos em escolas conveniadas com as instituições de ensino ou porque concluíram essa etapa em escolas públicas, mas a busca por estágios remunerados em escolas privadas não foi tão positiva nessa fase, principalmente para dois desses professores. Nesse caso, os educadores afirmam:

“Então, eu tive mais dificuldade no Ensino Médio, eu tive algumas recusas em algumas escolas, principalmente na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. É eu até tinha na época uma escola próxima da minha casa e do meu bairro que recebia muita gente, era uma escola grande que tem da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, era no meu bairro e abrigava muita gente. [...] e quando fui procurar saber não aceitavam homens, só meninas mesmo, por ser uma escola particular eles alegaram que os pais não iriam aceitar e eles não estavam dispostos a comprar essa briga, era um colégio reconhecido, a mensalidade era alta e aí eles optaram por ter só mulheres mesmo no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Aí o que facilitou foi que eu fiz estágio na Fiocruz que era uma parceria com a escola e aí abonou várias horas de Ensino Fundamental e a outra eu fiz em escola pública que não pode ter nenhum tipo de restrição, né.[...] Na UFRJ não tive tanta dificuldade porque a maioria dos estágios que eu fiz na UFRJ, eu fiz mais em instituições ligadas a UFRJ” (JOÃO)

“Então, os estágios que eu fiz foram estágios obrigatórios, agora em questão de estágios remunerados eu já cheguei a procurar, mas nunca tive um retorno, até porque quando eu ia procurar até mesmo por trabalho, né, era sempre aquela mesma desculpa, assim, a gente não tá aceitando professores, no momento somente professoras, e tudo mais.” (JOSÉ)

“Fiz estágio em escola pública e privada. Consegui um estágio remunerado em uma escola privada em Bento Ribeiro porque uma amiga indicou, a família e ela já trabalhou e estudou lá, então assim, eles tinham vínculo e uma amizade com a diretoria e tudo mais, aí me apresentaram e me deram a oportunidade de estagiar lá. Aí eu fiquei lá durante dois anos, fiquei com turmas de 4º e 5º ano e tinham épocas que ajudava as turmas de Educação Infantil, mas as minhas turmas mesmo foram de 4º e 5º ano. [...] o que aconteceu do fato deles não efetivarem porque justamente por ser do sexo masculino, eles não efetivam, só tinham professoras, era um colégio religioso e eles só trabalhavam mesmo com mulheres.” (PEDRO)

“Já desde o primeiro período eu queria fazer alguma coisa que fosse voltado para a educação e não consegui através das minhas colegas, porque eram grupos fechados, algumas já tinham experiência por ter feito Normal, já atuavam e aí eu conversava, pedia pra levar o currículo, pra fazer uma vivência, ter uma experiência e a resposta era não, na minha escola não pode. [...] Até que uma vez nessa minha insistência eu vi um anúncio no jornal, olha só, já foi vendo a minha idade, né (risos), é... precisava em uma escola particular e eu pensei, vou tentar, se eu não me engano eu liguei pra lá e mandei um email, até que eu consegui, fui lá e fiz a entrevista, né, na privada, em uma escola de Ensino Fundamental. Fui recepcionado pela orientadora educacional “X” que também mora aqui na Zona Norte, e expliquei tudo pra ela, essa necessidade de ganhar experiência e de tá fazendo Pedagogia e aí ela viu não sei se foi o meu desespero ou o meu MUITO interesse em entrar na educação, é... e me deu um espaço pra eu entrar como estagiário, trabalhando com crianças do integral, dando suporte a professora, ficando praticamente meio período com crianças. [...] da faculdade pra escola privada eu tive alguns não, não das colegas na graduação, não mesmo tentando fazer um networking lá com os amigos não consegui e não quando eu levava o meu currículo de porta em porta, que eu fazia isso, é... quando eu morava em Campo Grande em algumas escolas da Zona Norte porque eu estudava na Tijuca, né, na faculdade ou tentava lá mais próxima de casa ou mais próximo da faculdade e sempre pediam pra deixar o currículo, mas sempre a preferência era mulher, mulher, o feminino, uma menina que tivesse feito o Normal e tudo mais. Essa foi o grande/através dessa escola em Vila Isabel, através dessa orientadora que deu a oportunidade de estágio, ela me deu essa oportunidade e fiquei nessa escola 1(um) ano e pouquinho, é porque a gente vai tendo essa necessidade de mudança, uma bolsa de R\$ 150,00, R\$ 300,00 não dava pra ajudar em muita coisa dentro de casa e eu precisava ter uma renda um pouco melhor, mas precisava também da experiência, aí fiquei lá esse tempo.” (FELIPE)

Então, conforme pode ser observado, mesmo que dois desses professores tenham conseguido uma vaga pra atuarem como estagiário em escolas privadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eles encontraram dificuldades e não foram aceitos em algumas instituições por serem estagiários homens. Fica claro na fala de Pedro que o mesmo só conseguiu uma vaga porque foi indicado, mas não pôde continuar, ou seja, ser efetivado na unidade de ensino, pois a escola não aceitava homens no corpo docente. Já no caso de Felipe, nem com a ajuda de amigos ele pôde contar, não houve indicação, teve que continuar sua

busca e na insistência conseguir por uma vaga. João e José, além de “ouvirem as mesmas coisas” que os demais professores, os mesmos não conseguiram se inserir nas instituições privadas em que buscaram uma oportunidade, pois essas escolas preferiam estagiárias. Podemos articular esse assunto com o que foi visto no capítulo 1 ao me referir à feminização do magistério. Vimos, segundo Carvalho (2000), que o ingresso das mulheres nas séries iniciais tem ocorrido através do processo de feminização do magistério, dessa forma, muitas instituições privadas desde o início dessa ação tem acreditado que a docência se tornou uma função preferencialmente ou até mesmo exclusivamente feminina. No entanto, em seus estágios obrigatórios todos entrevistados afirmam que não tiveram nenhum problema em relação à recusa, já que a maioria os fez em escolas públicas.

Entretanto, João nos traz um exemplo de uma alternativa da escola que ele fazia o Curso Normal, tal alternativa que também presenciei na época em que fiz a formação de professores, pois assim como nessa escola do João, no instituto em que concluí minha formação tinham algumas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e éramos aconselhados em concluir nosso estágio na própria unidade.

“[...] já ouvi vários relatos de colegas que tiveram dificuldades, tanto que a maioria dos meninos que estudavam lá, a gente tinha na própria escola, hoje em dia foi abolido, a gente tinha o chamado Heitorzinho que eram duas ou três classes de alfabetização que eram com crianças pequenas e a maioria dos homens iam para o Heitorzinho que era mais fácil de serem aceitos, era mais fácil o processo de aceitação de realizar o estágio, que muitas das vezes eles iam para escolas particulares que moravam perto, que era mais cômodo, mas não conseguiam, então a alternativa quase sempre era essa. Se fosse observar o Heitorzinho era muito mais fácil ter um homem do que uma menina, porque as meninas de maneira geral tem acesso ao estágio de maneira muito fácil.” (JOÃO)

Após a conclusão do curso de professores, como de direito, eles foram procurar se inserir no mercado de trabalho, ou seja, em escolas privadas que atendessem crianças do primeiro segmento do Ensino Fundamental e em alguns casos a tentativa também de entrar para rede pública.

“Eu fiz o concurso, demorei um ano e meio pra ser chamado e nesse meio tempo nem cheguei a procurar porque até então eu queria mudar de área, até então eu não pretendia ficar na área da educação até por essas dificuldades que a gente já acostumava vê no tempo de estágio, então assim eu nunca achei que seria um campo que eu teria muito espaço. [...] Depois eu comecei trabalhar em outra ocupação, comecei a trabalhar no aeroporto como agente de proteção aeroviário e deixei esse lado pedagógico e da escola por enquanto pra lá, até ser convocado pro município. (JOÃO)

“Então, toda vez que eu procurava ou só aceitavam de sexo feminino, eu até enviei um currículo uma certa vez e a coordenadora desse colégio era até conhecida de uma ex-professora minha e mesmo assim ou por indicação eu nunca tive uma oportunidade. Depois eu descobri através de uma amiga que foi pra esse colégio que eles não contratavam homens por questão dos pais criticarem, que ainda nossa sociedade não está tendo uma aceitação dos professores no Ensino Fundamental 1. Até mesmo quando eu achava que eu poderia ter uma oportunidade, aí vinha à questão da graduação, aí você tinha que ter o superior completo em Pedagogia. Então, eu passava por dois obstáculos criados, a questão do sexo e a questão da formação.” (JOSÉ)

“Então, eu procurava em escolas privadas, falava com pessoas, pedia por indicação, mas não tinha retorno, cheguei a mandar currículo e o único retorno que eu tive foi de uma escola perto de casa que me ligaram e o recado não foi me passado e quando retornei fui informado que já tinham preenchido a vaga e... eu não tive uma boa aceitação quando eu fui em busca deles naquele momento. Em todas as escolas que eu cheguei a enviar currículo por internet ou até mesmo pessoalmente, não tive retorno, e aí comecei a me desanimar e fui desanimando e desanimando, porque também já estava correndo contra o tempo e precisava conseguir uma vaga de trabalho, eu precisava tá remunerado e não poderia ficar esperando por uma escola que me aceitasse, entendeu, eu não sabia quando uma escola ia chegar a me aceitar, então, eu resolvi partir pra área administrativa.” (PEDRO)

“Então, o que aconteceu, quando eu me formei em 2011, é... eu estava trabalhando em uma empresa em Recursos Humanos estava como analista de RH, eu tinha passado pelo magistério estágio, mas precisava ganhar mais e a empresa oferece mais do que a escola é isso é fato, hoje em dia isso melhorou um pouquinho. Então eu estava como assistente de RH, passei pra analista já concluindo a monografia, quando eu terminei a graduação teve uma redução na empresa e eu fui dispensado, mas logo em seguida apareceu uma oportunidade através de uma creche que eu também tinha feito um estágio auxiliando algumas professoras e o pessoal daquela comunidade a pensar no espaço da criança, é... surgiu uma proposta, me convidaram pra retornar nesse espaço, mas na função de coordenador, e aí era Educação Infantil na creche comunitária conveniada a Prefeitura do Rio. Então assim, quando eu terminei a Pedagogia, eu tava na empresa e nesse processo de saída de uma empresa eu logo consegui entrar como coordenador em uma creche, então não fui posteriormente lançar o meu currículo no mercado. Eu fiquei nessa creche uns dois anos. [...] E posteriormente essa minha passagem pela creche eu fiz um processo seletivo pra uma organização pro cargo de pedagogo, passei e aí fui pro privado, né, mas dentro de uma ONG na função de pedagogo fazendo supervisão em abrigos com crianças que tinha lá, atendimentos institucionalizados com relação a droga e tudo mais. Posterior a isso fui pro SESI como pedagogo, e aí eu acho interessante porque na minha trajetória eu tive inicialmente na faculdade momento de lançar currículo pra me inserir na escola privada e realmente receber uns NÃO, mas as coisas após a formação foram meio que se desdobrando, né, pelas experiências. Eu gostava sempre de aceitar os desafios, né, eu vou, eu faço e aí ganhando experiência e aquilo, eu tenho que marcar meu território, marcar território (risos), né, e eu consegui entrar em outros espaços, não foi fácil, mas fui conseguindo em outros espaços. E paralelo com isso tudo eu também estudava pra concurso público, porque eu ficava pensando que uma

hora poderia vir o desemprego, a redução como já aconteceu e eu não vou conseguir ir pra uma escola particular, a ideia, mesmo estando formado e tendo experiência eu já sabia dessa existência, né, então eu falei, vou fazer concurso público porque eu quero ser concursado e não ter que ficar passando por nenhuma necessidade de ficar batendo em porta de escola, é... fui estudando, trabalhando e estudando até que veio o concurso de Queimados, aí demorou um pouquinho e eu fui convocado pra assumir, tomei posse e já estou uns dois anos lá com o Ensino Fundamental.” (FELIPE)

Portanto, através desses trechos, percebemos que a trajetória desses professores em busca de uma inserção, em busca de uma oportunidade de trabalho como docente em escolas privadas não ocorreu de forma satisfatória. João se quer foi em busca dessa oportunidade no mercado de trabalho na rede privada, pois como ele mesmo afirma “eu não pretendia ficar na área da educação até por essas dificuldades que a gente já acostumava vê no tempo de estágio, então assim eu nunca achei que seria um campo que eu teria muito espaço”. Dessa forma, João, assim como muitos professores foi em busca de outras oportunidades que, para ele, eram mais aceitáveis, entretanto, depois de um tempo conseguiu se inserir como professor ao passar em um concurso público para o município do Rio de Janeiro e, dessa forma, fez com que esse docente não desistisse da profissão.

José, também não conseguiu se inserir, e ainda afirma que a escola estava criando obstáculos para que ele não fizesse “parte” dela, primeiro a questão do sexo - preferência pelo sexo feminino - e depois a conclusão do Ensino Superior, ou seja, a meu ver, é como se criassem uma desculpa para não contratarem esse docente que se dedicou e já estava formado para atuar de acordo com sua formação e legalmente conforme diz à lei que já foi citada no capítulo anterior a esse.

Com Pedro, também não foi diferente, o rapaz não conseguiu se inserir até o dia em que foi entrevistado, ele foi desanimando a cada busca que fazia. O tempo foi passando e ele não podia ficar desempregado e “terminamos” perdendo esse profissional pra outra área, como ele mesmo disse “aí comecei a me desanimar e fui desanimando e desanimando, porque também já estava correndo contra o tempo e precisava conseguir uma vaga de trabalho, eu precisava tá remunerado e não poderia ficar esperando por uma escola que me aceitasse, entendeu, eu não sabia quando uma escola ia chegar a me aceitar, então, eu resolvi partir pra área administrativa”.

Felipe, assim como Pedro, precisava ter uma boa remuneração, então ele também foi pra área administrativa, mas quando se formou em pedagogo conseguiu uma vaga de coordenador em uma creche que já tinha feito estágio, como ele mesmo afirma, foi tentando

entrar em outros espaços e marcar território já que não conseguia uma vaga como regente de turma, “Eu gostava sempre de aceitar os desafios, né, eu vou, eu faço e aí ganhando experiência e aquilo, eu tenho que marcar meu território, marcar território (risos), né, e eu consegui entrar em outros espaços, não foi fácil, mas fui conseguindo em outros espaços”. Felipe, por mais que tenha conseguido se inserir em muitos espaços conforme ele afirma em sua fala, no entanto, é possível perceber que o mesmo depois de formado só consegue se regente de turma depois que se torna funcionário público, pois antes disso todas as oportunidades que ele teve foram como coordenador e como pedagogo, ou seja, em nenhum desses empregos ele estava atuando como professor regente, mesmo estando em alguns trabalhos dentro da escola.

Dessa forma, pode-se entender que a escola privada mantém certos tipos de padronizações e representações em relação à contratação de professores como já foi informado nos primeiros capítulos. Louro (2014), entende que representações são apresentações, são formas culturais de referir ou nomear um grupo ou um sujeito.

Portanto, as representações de professoras e professores dizem algo sobre esses sujeitos, delineiam seus modos e traços, definem seus contornos, caracterizam suas práticas, permitem-nos, enfim, afirmar se um indivíduo pode ou não ser identificado como pertencendo a esse grupo. LOURO (2014, p.102).

Então, percebe-se que, além dos papéis e estereótipos que foram construídos em relação ao gênero ao longo dos anos, as representações – apresentações – produzidas para o professor do sexo masculino caracterizam sua prática e “afirmam” se ele pertence ou não ao grupo, neste caso, ao corpo docente de uma referida unidade escolar, entretanto, é sabido que independente do gênero, ambos podem ser professores de acordo com as leis que estão em vigor e que foram apresentadas no capítulo II, para isso basta que o homem ou a mulher se insira em uma instituição que tenha a respectiva formação.

Conforme foi apresentado no capítulo anterior a este, para Vianna (2013), foram construídas relações, distinções e estereótipos sobre os sujeitos que a própria docência permite ver a feminização do espaço escolar e das atividades docentes até mesmo quando ocupados por homens, já que existem profissões que são vistas como femininas independentes do sexo de quem as exercem, por estarem associadas ao serviço e cuidados relacionados ao que é historicamente e socialmente feminino.

Como afirma Carvalho e Vidal (2001) o que se queria era um prolongamento da educação aos lares e quem melhor do que as mães para educar a infância alheia. Portanto, os homens têm tido dificuldades nesse processo de inserção devido à construção da feminização do magistério junto com os papéis, estereótipos e representações que foram sendo produzidas ao longo dos anos e que nos acompanha até os dias atuais.

Atualmente, João, José e Felipe atuam como professores e fazem faculdade ou cursos de especialização na área educacional. João é professor de uma turma de Educação Infantil no município do Rio de Janeiro, José é professor de um curso preparatório na rede privada também no Rio de Janeiro e Felipe é professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Prefeitura de Queimados. Já Pedro, por precisar de um trabalho, conseguiu uma vaga na área administrativa e resolveu investir no curso de Administração como sua segunda formação.

Cabe destacar que em diálogo – entrevista – com Pedro sobre a sua primeira formação foi perceptível como o mesmo fica mexido ao falar sobre sua trajetória na área educacional. Ele deixa claro que o sonho dele em continuar na carreira de professor terminou sendo desestruturado pela dificuldade em ser aceito em escolas privadas, esse fato pode ser observado no trecho abaixo:

“[...]Isso é muito difícil porque tem gente que quer trabalhar nessa área, que gosta disso, que quer viver disso, tem uma paixão muito grande e acaba que meio desestrutura o sonho dessa pessoa.

Você acha que esse é o seu caso?

De certa forma sim, porque eu gostava tanto. Eu tenho uma foto de uma formatura de uma turma minha, às vezes eu olho e dá uma saudade, os alunos que eu vejo passando na rua e que poderiam ter outros, eu penso assim, mas não teve outros porque eu não tive oportunidade, e é uma área que eu gosto, que eu me identifico, se eu não tivesse fazendo administração eu estaria na área educacional, se tivesse tido uma oportunidade, se eu tivesse sido aceito pelo menos em uma escola para ter uma experiência, pra ter uma vivência e uma outra visão e para eu acreditar também que como essa escola me escolheu outras irão me escolher, mas como não teve nenhuma aceitação, eu resolvi partir para uma área mais aceitável.”

Portanto, chega ser triste perceber o carinho que um professor tinha ou tem pela educação e por uma questão de gênero ele, infelizmente, não é aceito em muitas escolas da rede privada para atuar com os anos iniciais do Ensino Fundamental. Ouvir o que Pedro disse “se tivesse tido uma oportunidade, se eu tivesse sido aceito pelo menos em uma escola para ter uma experiência, pra ter uma vivência e uma outra visão e para eu acreditar também que como essa escola me escolheu outras irão me escolher [...]” é algo que me incomoda muito, porque eu me identifico muito com a trajetória, ou melhor, com o processo de inserção desses

professores, com as oportunidades que tivemos apenas na rede pública ou com as oportunidades que não tivemos na rede privada. O Pedro desistiu porque ele não teve escolha já que precisava de uma remuneração, assim como deve acontecer com outros jovens que se formaram e têm essa paixão pela educação. Assim como o Pedro, eu também já disse: poderiam ter outros, mas não tive oportunidade.

Mas além de tudo que vimos nos capítulos teóricos sobre gênero, sexualidade e a feminização do magistério, perceber como tudo ocorre nesses processos e trajetória é importante, por isso também é preciso saber como esses sujeitos entrevistados enxergam como a escola privada contratam seus professores. Existe preferência? Qual seria a explicação?

De acordo com os professores entrevistados, existe uma preferência por parte da escola privada em relação ao seu corpo docente, assim também como uma possível explicação para essa atitude por parte da instituição, para esse assunto é possível trazer os seguintes trechos:

“[...] a escola privada tem uma relação muito diferente com o seu público, né. Por exemplo, a escola pública ela tá para atender todo mundo, é um direito de todo mundo, qualquer um pode ter acesso a ela, então não se pode limitar o gênero do docente, você não pode limitar que vai tá atuando. Agora na escola privada a relação com quem estuda é outra é uma relação mais ligada ao produto, ao cliente e a quem tá oferecendo o serviço. Então, assim, eu acho que a escola privada procura agradar seu cliente que é o pai e a mãe que tá contratando o serviço, e como a gente tem historicamente, é a mulher que tá atuando nessas séries iniciais, historicamente a gente tem essa figura feminina como a professora, como a mais habilitada atender a criança, aquela coisa mais natural, então eu acho que para evitar o conflito, entre aspas, é uma coisa desnecessária para escola privada, acho que ela tem outras preocupações, outras coisas para oferecer, tem que tá sempre mostrando para esses clientes, para esses pais de alunos que a escola é interessante, porque se o pai não gosta da escola ele vai procurar outra que o agrade mais. Então eu acho que é uma briga que eles não querem comprar, aí eles vão ver a pessoa que mais se adequa. Falando em gênero que é o que a gente tá falando aqui, primeiro vai ser sempre a mulher que será mais visada”. (JOÃO)

“Primeiro, de modo geral, é a questão do sexo, por exemplo, nas séries iniciais do Ensino Fundamental é a questão do sexo, se tem um homem e uma mulher concorrendo à mesma vaga, aí prioritariamente quem vai ter a preferência é a mulher, eu acho isso. De modo geral, a questão do sexo, isso interfere muito na contratação na rede privada. Segundo, se tiver dois homens concorrendo, aí digamos um heterossexual e um homossexual digamos assim, em evidência, em questão dos traços físicos e etc., acho que o homem hétero ou o héteronormativo terá preferência. A sociedade ainda tá muito homofóbica, né, e, talvez, a escola ela tente abrir esse espaço para aceitar os professores homossexuais e tudo mais, só que quando se fala em

série inicial do Ensino Fundamental e rede privada aí essa questão a escola se vê incapaz de ter um diálogo com essas questões justamente porque são os pais que sustentam, são os pais que mantêm a estrutura daquela escola através das mensalidades que pagam pra poder seus filhos terem educação, então, eu acho que a família interfere muito nessa questão, eu acho que a escola não tem autonomia nessa parte de aceitação”. (JOSÉ)

“Acredito que a pessoa já tendo a formação já é meio caminho andado, mas se eu chegar pra uma entrevista entre eu e uma menina eu já teria uma visão que a vaga seria dela e não minha, então, o sexo é uma questão que eles podem analisar, se é homem ou mulher, pra professor o que eu mais vejo nas séries iniciais é pra Educação Física. [...] Eu acredito que a visão masculina é muito, sei lá como eu posso dizer..., essa coisa de pedofilia, e de o homem ser safado (risos), essa situação, o mau-caratismo vamos dizer do homem que é visto, né, que muitos homens são vistos como mau-caráter, acaba generalizando e isso implica na situação da escolha de um professor, porque acaba que por ser homem não pode por isso e por aquilo, assim como o que poderia acontecer também, vamos supor, a questão de levar uma criança no banheiro, uma professora também ficaria uma coisa chata levando um menino no banheiro, assim como ficaria chato um professor levar uma menina. Então, assim a visão que eu percebo que eles têm do homem é a da situação que a gente encontra hoje de pedofilia, acredito muito que a pedofilia atrapalha nessa questão”. (PEDRO)

“Acredito que a preferência se dá pela/pelo gênero e isso é claro. Segundo pela experiência e formação, acredito que esses são os critérios para atuar no magistério nas séries iniciais. [...] A mulher, sempre a mulher. Eu fico me perguntando por que ainda, né, 2016 com tanta informação, universidade mais acessível, com pessoas buscando tá no espaço de formação, na academia e porque tem gente ainda preocupado com algumas questões, porque pra atuar na educação ou como pedagogo só serve a mulher, né, porque que as pessoas ainda têm esse preconceito e estereotipização desse sujeito.[...] o homem ele oferece essa insegurança, né, de ser o perverso, de ser o ativo, de ser o que vai causar alguma coisa ali, gerar esse controle do corpo, esse contato com o corpo da criança e aí aquela suposição de que a mulher não pode oferecer nenhum risco” (FELIPE)

Contudo, todos os professores deixam claro que a principal característica para a contratação de um profissional para atuar na rede privada como regente de turma é o gênero, essa é preferência que está mais em evidência para eles. De acordo com Rabelo (2013), a consideração de que os homens são incapazes para a docência leva a várias formas de exclusão, inclusive a não contratação do profissional devido ao seu sexo. Esse fato fica claro ao analisar as figuras apresentadas no Capítulo II, que nos mostra de forma clara a presença feminina por excelência no primeiro segmento do Ensino Fundamental.

José, além dessa questão também traz o fato que se tiver dois homens concorrendo pela vaga, para ele se um dos candidatos for homossexual, este não teria preferência, pois ela seria para o heterossexual, já que ainda vivemos em uma sociedade homofóbica, de acordo

com ele a escola talvez até tente aceitar esse sujeito, mas os responsáveis dos alunos irão interferir muito nessa questão. Neste ponto podemos articular esse fato com o que foi apresentado no segundo capítulo, apoiando-me em Louro (2014) e Jesus (2015), a escola surge com a idealização da heterossexualidade como o ser humano “normal” e mantém essa ação até os dias de hoje, já que a unidade escolar constituem sujeitos masculinos e femininos nos padrões da sociedade que a escola se insere. Então, por isso, percebemos que muitas escolas não contratam um docente homossexual, pelo fato da heteronormatividade ainda se fazer presente de uma forma geral, como José afirma acima, a escola não contrata esse indivíduo por saber que os responsáveis irão interferir nessa questão.

[...] pesam muito as pressões exercidas por pais e por alunos preconceituosos. [...] São bem comuns as afirmações de mães de alunos, que dizem preferir o ensino desta ou daquela escola onde, com certeza, não se contratam professores homossexuais e, deste modo, filhos e filhas ficam livres de qualquer tipo de influência que julgam ser perniciosa. (CATANI, et al., 2005, p. 19)

De um modo geral, para muitos, infelizmente, a homossexualidade é tida como desvio, desvio como referência ao que é considerado como norma, com o que é qualificado como normal na sociedade e que podemos nomear como sendo padrão dominante ou hegemônico em termos da sexualidade. (CATANI, et al., 2005).

É importante ressaltar que com base nas falas dos professores a explicação seria que os pais interferem muito na ação de contratação dos professores e terminam impedindo que a escola contrate homens para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede privada. Eles percebem que a escola age de acordo com o desejo da família dos alunos, daqueles que pagam a mensalidade e mantêm financeiramente a unidade escolar, como diz João “a escola procura agradar seu cliente que é o pai e a mãe” e José “a escola se vê incapaz de ter um diálogo com essas questões justamente porque são os pais que sustentam, são os pais que mantêm a estrutura daquela escola”.

Nesse mesmo caminho, Pedro e Felipe têm uma percepção bem parecida em relação aos motivos da preferência pela mulher para atuar com as crianças dessa modalidade de ensino, para eles existe uma visão na sociedade de que o homem é um sujeito que traz insegurança, o mau-caratismo, o perverso, aquele que vai ter o contato com o corpo da criança e até mesmo a questão da pedofilia, questões essas que a mulher supostamente pode não oferecer nenhum risco. Para Pedro esse fato termina generalizando e, por fim, termina “implicando” na escolha de um respectivo professor, por achar que ele não poderá cuidar

daquela criança como a mulher, principalmente, ao acompanhar os pequenos nas idas ao banheiro.

Observamos que na sociedade moderna os antigos manuais educacionais já ensinavam os professores e professoras os cuidados que deveriam ter com os corpos de seus alunos – as educadoras com as alunas e os educadores com os alunos. Nesse mesmo capítulo também foi apresentado de acordo com Louro (2014), que a representação do magistério foi modificada e transformada, nessa transformação as professoras são exclusivamente compreendidas como mães espirituais e cada aluno ou aluna deveria ser percebido/a como seu filho ou filha. Portanto, essa questão de não acreditarem que o homem pode cuidar das crianças foi algo construído e reinventado com a chegada das mulheres no magistério, como justificativa para que elas permanecessem e ocupassem o cargo de docente, dessa forma, como já foi citado anteriormente criam-se vários estereótipos sobre os sujeitos masculinos e femininos, neles, os homens são agressivos e racionais, já as mulheres são dóceis, relacionais e afetivas. Os primeiros são vistos como provedores e relacionados ao uso do poder, as últimas, normalmente são associadas às atitudes como alimentação, maternidade, cuidado e educação, assim, as mulheres terminam sendo vistas como as mais adequadas para “cuidar” dessas crianças.

Por fim, foi possível perceber que nesse processo todos os entrevistados acreditam que a escola não é a única culpada por “afastar” esses professores das salas de aulas do primeiro segmento do Ensino Fundamental, já que a família é peça integrante nessa ação. Talvez por esse motivo alguns professores não procurem por uma vaga nessas unidades e chegam até acreditar que nunca serão contratados, perdem o desejo de lecionar ou perdem a confiança de seu potencial, como diz Felipe em uma de suas falas “[...] eu não vou conseguir ir pra uma escola particular, a ideia, mesmo estando formado e tendo experiência eu já sabia dessa existência” e João “[...] eu nunca achei que seria um campo que eu teria muito espaço”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar no processo de inserção do professor homem em escolas privadas no primeiro segmento do Ensino Fundamental tem sido algo que me acompanha por um bom tempo, antes pelo fato de eu procurar me inserir nessas escolas e não conseguir, e hoje além deste primeiro, surge outro, que é o fato de perceber que essa ação acontece com vários rapazes ao receberem seus diplomas de docente, já que em pleno século XXI a maioria dessas instituições impedem um professor de exercer sua profissão junto às crianças simplesmente pelo fato desses serem do sexo masculino.

Assim como no meu caso, os professores entram no Curso Normal com o objetivo de concluir o Ensino Médio com alguma formação, na intenção de se inserir rapidamente no mercado de trabalho, no entanto, percebemos que não é tão fácil, pois ainda vivemos em uma sociedade que acredita que existem certas profissões relacionadas ao gênero. Muitos ao iniciarem os estudos em um curso de formação de professores acreditam ou os fazem acreditar que estão no lugar incorreto e isso acontece também ao procurar por trabalho como foi visto anteriormente nas falas de Felipe e João que passam acreditar que estão no campo errado ou que não terão espaço na rede privada de ensino, pois ainda existe uma “ilusão” que a formação é destinada em sua maioria ao público feminino, e dessa forma podemos perceber que as próprias falas e algumas práticas são voltadas diretamente para esse público.

Como eu afirmei no primeiro capítulo desta pesquisa, a fala, ou melhor, a linguagem é um mecanismo eficaz na produção das desigualdades por sempre ser tão natural e por fazer parte da nossa prática, assim como as feministas lutaram anos atrás contra o “ocultamento feminino”, acredito que os homens precisam fazer o mesmo, já que dentro dessas instituições de ensino também estamos sendo ocultados, seja pelo fato de existir uma semana direcionada às normalistas ou até mesmo pela ação de buscar da conta do coletivo, na qual atribuem tudo ao feminino por se ter em um determinado ambiente um público maior de mulheres. Para esse fato não precisamos ir muito longe, pois ele, além de acontecer no Curso Normal, também é muito comum atualmente nos cursos de Pedagogia.

Mesmo existindo esse “ocultamento masculino”, a maioria dos professores não desiste de ir à busca de sua formação, mesmo porque as legislações que regem o sistema educacional brasileiro não fazem nenhuma distinção de sexo para a respectiva formação, todos independente do gênero podem concluir o curso legalmente. Entretanto, muitos sujeitos e muitas escolas privadas permanecem acreditando que até os dias de hoje há papéis sociais

definidos para homens e mulheres, principalmente no cargo de docente nos anos iniciais, muitos enxergam a mulher como a mais adequada para o cargo por terem construído socialmente uma imagem da mulher como um ser dócil, afetiva e relacional, associando-as a atitudes com alimentação, maternidade, cuidado e educação.

Todavia, esse fato foi sendo construído e permanece até os dias de hoje desde que a expansão do ensino público se fez presente em nosso país, era preciso “afastar” os professores homens do cargo por uma questão econômica, pois naquela época a mulher oferecia uma mão de obra mais barata por não terem que sustentar uma família, já que essa ação era do homem. Dessa forma, foram ampliando o ensino e demarcando-o como feminino. E assim, atualmente, muitos professores são recusados na maioria das instituições privadas, pois esse processo ainda afeta a profissão docente.

Portanto, o processo de inserção dos professores homens no primeiro segmento do Ensino Fundamental da rede privada no município do Rio de Janeiro, infelizmente, em muitos casos não ocorre e, de acordo com os sujeitos que fizeram parte desta pesquisa, esse fato se faz presente por eles serem professores do sexo masculino e quando conseguem se inserirem nessa modalidade de ensino, entram por terem passado em algum concurso público, talvez por terem conseguido alguma indicação ou então para compor algum cargo que não seja de regente de turma. No entanto, existem aqueles que também não conseguem entrar para a rede pública, não conseguem nenhuma indicação e são recusados em várias escolas privadas, e assim, terminam desistindo da profissão por falta de uma única oportunidade como o caso de Pedro que já foi citado no capítulo anterior, o mesmo abre seu coração e diz sobre seu carinho pela profissão de educador, mas por falta de aceitação teve que recorrer a uma profissão mais aceitável em relação ao gênero. É o pior é que devem existir muitos Pedros por aí.

Dessa forma, conclui-se de acordo com os professores participantes desta pesquisa, que o fato da escola privada não aceitar professores homens para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental atualmente é referente a não aceitação dos pais, já que os mesmos preferem as mulheres para atuarem junto aos seus filhos por toda aquela questão das imagens socialmente construídas e que já foram citadas anteriormente. Com base no diálogo que tivemos, para eles a escola privada prefere não entrar em conflito com o “cliente” e continuar com as professoras do mesmo modo que esse processo foi construído, tendo a mulher como a mais habilitada para o cargo. Assim, é possível afirmar que a escola, por ser privada, e por serem os pais os pagantes das respectivas mensalidades, a unidade escolar não tem muita autonomia para “brigar” por essa questão, pois a família de forma direta e indireta interfere

nesse fato. É importante destacar que o fato de ser um excelente professor não está relacionado ao gênero, e sim, com o conhecimento que esse docente possui na área que está atuando e o vínculo que o mesmo tem ou possa vir a ter com as crianças, pois não deve existir de forma alguma um gênero ideal para trabalhar na docência, mas sim a competência, dedicação, conhecimento e uma ótima relação entre os sujeitos que farão parte dessa ação educacional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, S.S. *Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1996.

_____. Resolução Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno Nº1, de 15 de Maio de 2006. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura*. Brasília, 2006.

BUENO, O., CATANI, D. B. e SOUSA, C. P. *A Vida e o ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em educação*. São Paulo: Ed. Escrituras, 2002.

CARVALHO, M. P. O conceito e gênero no dia a dia da sala de aula. In: *Revista de Educação Pública* - v. 21, n. 46 (maio/ago. 2012). Cuiabá: EdUFMT, 2012, p. 401-412.

_____. *Vozes masculinas numa profissão feminina: o que tem a dizer os professores*. In: II congresso Luso-Brasileiro de história da educação. Atas, vol. 2. São Paulo: FEUSP, 2000.

CATANI, D.B ; SOUSA, C.P ; LUGLI, R.G ; SILVA, V.B . *A diversidade e o trabalho escolar*. 1. ed. V. 4. 114 p. Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo. São Paulo. 2005, p. 7-20.

COSTA, M.A.F., e COSTA. M.F.B. *Projeto de pesquisa: entenda e faça*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 17-58.

GONDRA, J.G, SHUELER, A. *Educação poder e sociedade no império brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.

HYPOLITO. A. M. *Trabalho docente, classe social e relações de gênero*. Campinas, SP: Papirus, 1997.

JESUS, J. G. *Homofobia: identificar e prevenir*. 1ªed. Rio de Janeiro: Metoni, 2015, p. 94-103.

LAURETIS, T. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241.

LOURO, G. L., FELIPE, J. e GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2010.

LOURO, G.L.L. *Gênero, sexualidade e educação – Uma perspectiva pós -estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LÜDORF, S.M.A. *Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia*. Rio de Janeiro: Shape, 2004, p. 49-92.

MINAYO, C.S., DESLANDES, S.F. e GOMES, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NICHOLSON, L. Interpretando gênero. In: *Revista Estudos feministas*. Rio de Janeiro: UFRJ, ano 8, , 2º. semestre de 2000, p. 9-42.

OLIVEIRA, Romualdo. P. de. *Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica*. Educação & Sociedade, v. 28, n. 100, Dez. 2007.

RABELO, A.O. *Eu gosto de ser professor e gosto de crianças – A escolha profissional dos homens pela docência na escola primária*. Revista Lusófona, v.15, n.(?), p.163-173, 2010.

_____. *Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal*. Educar em revista, n. 48, Curitiba: Editora UFPR, 2013, P. 207-234.

_____. *Professores Discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental*. Revista Educação e Pesquisa. São Paulo, v.39, n.4, out/dez, 2013, p.907-925.

RABELO, A.O; MARTINS, A.M. *A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do Magistério*. In: Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 4., 2010, Uberlândia. *Anais...* Aveiro: FCT, 2010, p. 6167-6176.

SANTOS, V. Dicionário essencial da língua portuguesa (DELP). Porto Alegre, Rígel, 2001.

SCOTT, J.W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

SIMÕES, A.B.C. *Questões de gênero na Educação Infantil: ser menino e ser menina nas interações e brincadeiras das crianças em uma turma no Colégio Pedro II – Realengo*. 2016. 39 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIANNA, C.P. A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente. p.159 - 180. In: Yannoulas. S.C (Coord.). *Trabalhadoras – Análise da Feminização das Profissões e Ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013.

_____. O Sexo e o Gênero da Docência. *Cadernos Pagu*. Campinas, (17/18) 2001/02: p. 81-103.

ANEXOS

ANEXO 1 : ROTEIRO UTILIZADO COM OS PROFESSORES NAS ENTREVISTAS

- 1.** Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?
- 2.** Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?
- 3.** Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.
- 4.** Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.
- 5.** Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado apenas?
- 6.** Atua como professor? Em qual ano?
- 7.** Escola pública ou privada?
- 8.** Quanto tempo atuando como docente?
- 9.** Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?
- 10.** Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?
- 11.** Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada?

ANEXO 2 : RESPOSTAS OBTIDAS ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS

Primeiro professor.

1. Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Me chamo, João, tenho 24 anos, na verdade vou fazer 25 daqui a pouco. Me formei no Ensino Normal, tô cursando Pedagogia e atuo na escola municipal, no município do Rio, trabalho no EDI na Ilha do Governador.

Você poderia me informar seu município?

Sim, Rio de Janeiro, moro na Ilha no Governador mesmo, bairro do Galeão.

2. Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?

Então, você já falou algumas coisas referentes à sua formação, já falou que fez o Curso Normal, não foi isso?

Isso, fiz o Normal no Colégio Estadual Heitor Lira, na Penha, fiz na época que eram quatro anos, hoje já mudou um pouco, né, na época eram quatro anos e me formei em 2009.

E Pedagogia você ainda está cursando?

Isso, tô no último período de Pedagogia da UFRJ.

3. Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.

Então, pelo Curso Normal foi meio que o acaso, não foi nada pensado ou sonhado como algumas pessoas relatam, na verdade eu terminei o ensino fundamental e queria uma escola de ensino médio com o ensino melhor e a gente não tem muitas escolas assim com o ensino que a gente/que eu acredito que fosse bom pelo que as pessoas relatavam, e aí eu fui buscar em outros lugares, outros colégios que pudessem oferecer uma educação melhor, e era eu e um grupo de três amigos, três amigas e um amigo, e a gente estava procurando além de fazer provas para outros lugares, a FAETEC e algumas coisas assim, apesar de não ter feito a prova pra FAETEC. A gente estava procurando estudar junto e algumas outras opções, e essas minhas amigas chegaram com o Colégio Estadual Heitor Lira, que eu não sabia que era formação de professores, deixei nas mãos delas (risos). Aí acabou que eu fui pra lá, na época a gente tinha que fazer prova porque nesse ano que eu entrei iria voltar a ter prova pra ingressar lá e aí eu tive que fazer a prova, mas no ano seguinte foi abolida, foi o único ano que teve. Eu fiz a prova e quando cheguei percebi que era um colégio diferente nesse sentido, eram quatro anos, que era de formação de professores, o 1º ano era regular, tinham apenas duas matérias pedagógicas e se eu quisesse sair eu continuaria em outro colégio a partir do 2º ano, e aí eu optei continuar porque era uma oportunidade a mais que eu poderia ter, saindo com uma formação de professor, de repente alguma oportunidade pudesse surgir, alguma porta se abrir, era a oportunidade de ingressar na profissão que eu tinha e eu decidi continuar. A UFRJ eu escolhi porque na verdade eu fiz um concurso para educação infantil e fiz mais pra vê como era, né, e também pra ter uma experiência e acabou que eu fui aprovado. Aí eu comecei a trabalhar na mesma época que eu fiz o ENEM e aí eu estava pra escolher o curso na época que chegou a carta de convocação pra trabalhar no município e aí eu decidi aliar uma coisa a outra. Eu não queria fazer Pedagogia a princípio porque eu queria trabalhar em outra área, já que tinha a formação de professores, mas como eu comecei a trabalhar na escola

municipal, eu decidi me especializar na mesma área e aí optei fazer o curso por ter mais preparo e me especializar, aí optei pela Pedagogia, a princípio eu queria Psicologia, mas era integral e eu já trabalhava e não tinha como.

4. Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.

Então, eu tive mais dificuldade no Ensino Médio, eu tive algumas recusas em algumas escolas, principalmente na Educação Infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. É, eu até tinha na época uma escola próxima da minha casa e do meu bairro que recebia muita gente, era uma escola grande que tem da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental, era no meu bairro e abrigava muita gente, tanto que essa escola alugava uma van para ir buscar os alunos na porta da escola e levar até a escola de tantas pessoas que ela abrigava. E aí fui procurar saber, porque assim, em relação às outras escolas que pagavam o estágio remunerado era um dos salários mais altos, não é muita coisa se a gente for olhar hoje em dia, mas eu acho que eram uns quinhentos e pouco reais, quase seiscentos, mas fora que eles iriam buscar, era cômodo, né. Então, assim, era vantajoso, porque eu iria ficar perto pra voltar pra casa, e quando fui procurar saber não aceitavam homens, só meninas mesmo, por ser uma escola particular eles alegaram que os pais não iriam aceitar e eles não estavam dispostos a comprar essa briga, era um colégio reconhecido, a mensalidade era alta e aí eles optaram por ter só mulheres mesmo no Ensino Fundamental e na Educação Infantil.

Esse transporte era para os professores ou alunos? Não entendi muito bem.

Eram para os estagiários, a escola alugava uma van mensalmente que todo dia na hora da saída do turno da manhã buscava as estagiárias para trabalhar no turno da tarde.

Aí o que facilitou foi que eu fiz estágio na Fiocruz que era uma parceria com a escola e aí abonou várias horas de Ensino Fundamental e a outra eu fiz em escola pública que não pode ter nenhum tipo de restrição, né.

Na Educação Infantil eu fiz em uma escola particular bem próxima ao colégio que tinha o histórico de aceitar os alunos do Heitor Lira, mas me deixaram com turma maior, turma da pré-escola. Mas assim, eu tive essa recusa e já ouvi vários relatos de colegas que tiveram dificuldades, tanto que a maioria dos meninos que estudavam lá, a gente tinha na própria na escola, hoje em dia foi abolido, a gente tinha o chamado Heitorzinho que eram duas ou três classes de alfabetização que eram com crianças pequenas e a maioria dos homens iam para o Heitorzinho que era mais fácil de serem aceitos, era mais fácil o processo de aceitação de realizar o estágio, que muitas das vezes eles iam para escolas particulares que moravam perto, que era mais cômodo, mas não conseguiam, então a alternativa quase sempre era essa. Se fosse observar o Heitorzinho era muito más fácil ter um homem do que uma menina, porque as meninas de maneira geral tem acesso ao estágio de maneira muito fácil.

Na UFRJ não tive tanta dificuldade porque a maioria dos estágios que eu fiz na UFRJ, eu fiz mais em instituições ligadas a UFRJ, eu nem cheguei a procurar em outros lugares, por exemplo, meu estágio em Educação Infantil eu fiz na escola de Educação Infantil da UFRJ e o meu de Ensino Fundamental eu fiz no CAP da UFRJ, ou seja, dos dois são ligados a universidade, então eu não tive nenhuma dificuldade, fui direto, até porque eu quis evitar as burocracias que se tem na CRE que é muito burocrático e aí optei por fazer no âmbito Federal que já é ligado a faculdade.

Você falou que lá no Curso Normal conseguiu uma vaga na Fiocruz, como funcionava esse estágio?

Era iniciação a pesquisa, a gente tinha um projeto que ajudava a gente entrar no mundo da pesquisa e era ligado a Educação Infantil e ao Ensino Fundamental. Eram vários espaços chamados Museu da Vida e esse espaço é um espaço pedagógico que tem lá, que abriga as exposições para as escolas, é um espaço ligado a essa relação da Fiocruz com as escolas municipais e particulares da rede do Rio de Janeiro. Aí eu tinha um trabalho no espaço chamado Biodescoberta que eu tinha que adequar algumas das dinâmicas e algumas oficinas oficiais para as séries iniciais e para a Educação Infantil.

Ou seja, você não tinha contato com as crianças?

Tinha nas visitas, eu ia lá duas vezes na semana e era só um dia que eu tinha, mas era mais testagem, eu percebia o público, mas não era certo, tinha dia que estava lá e não recebia público.

Era um processo de observação?

Isso, algumas vezes eu cheguei a ter um aspecto mais prático, cheguei a contar algumas histórias, testar alguns jogos, mas de maneira geral era mais um processo de pesquisa.

5. Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado apenas?

Eu fiz o concurso, demorei um ano e meio pra ser chamado e nesse meio tempo nem cheguei a procurar porque até então eu queria mudar de área, até então eu não pretendia ficar na área da educação até por essas dificuldades que a gente já acostumava vê no tempo de estágio, então assim eu nunca achei que seria um campo que eu teria muito espaço, então eu optei por fazer outras coisas, eu comecei até fazer uma faculdade, passei pra UNIRIO e comecei a fazer um curso de Ciências Ambientais, mas não gostei e não dei continuidade, era um curso novo. Depois eu comecei trabalhar em outra ocupação, comecei a trabalhar no aeroporto como agente de proteção aeroviário e deixei esse lado pedagógico e da escola por enquanto pra lá, até ser convocado pro município.

6. Atua como professor? Em qual ano?

Sim, na Educação Infantil.

Sempre na Educação Infantil?

Isso, o Ensino Fundamental e EJA só como estagiário mesmo.

7. Escola pública ou privada?

Escola pública

8. Quanto tempo atuando como docente?

Quatro anos

9. Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?

Eu nunca tinha tido muito interesse não, mas eu tive uma experiência esse ano com a classe de alfabetização e eu gostei muito, confesso que eu não achei que gostaria tanto. Se eu fosse trabalhar com o Ensino Fundamental eu acho que por trabalhar já com Educação Infantil eu iria preferir as séries mais iniciais mesmo, mais é uma coisa que eu nunca tinha pensado antes de fazer estágio nesse ano. Eu deixo essa possibilidade aberta no futuro.

Então, no futuro você tem interesse em trabalhar nos anos iniciais na rede privada?

Sim, pelo menos por viver essa experiência, acho que é válido se não gostar volta pro seu campo ou tentar outras coisas, aprendi que a gente não pode descartar todas as possibilidades da nossa vida.

10. Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?

Educação Infantil ou anos iniciais do Ensino Fundamental. Quanto menorzinho melhor.

11. Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada? Por quê?

Eu acho que é o que eu já falei em relação ao estágio, a escola privada tem uma relação muito diferente com o seu público, né. Por exemplo, a escola pública ela tá para atender todo mundo, é um direito de todo mundo, qualquer um pode ter acesso a ela, então não se pode limitar o gênero do docente, você não pode limitar que vai tá atuando. Agora na escola privada a relação com quem estuda é outra é uma relação mais ligada ao produto, ao cliente e a quem tá oferecendo o serviço. Então, assim, eu acho que a escola privada procura agradar seu cliente que é o pai e a mãe que tá contratando o serviço, e como a gente tem historicamente, é a mulher que tá atuando nessas séries iniciais, historicamente a gente tem essa figura feminina como a professora, como a mais habilitada atender a criança, aquela coisa mais natural, então eu acho que para evitar o conflito, entre aspas é uma coisa desnecessária para escola privada, acho que ela tem outras preocupações, outras coisas para oferecer, tem que tá sempre mostrando para esses clientes, para esses pais de alunos que a escola é interessante, porque se o pai não gosta da escola ele vai procurar outra que o agrade mais. Então eu acho que é uma briga que eles não querem comprar, aí eles vão ver a pessoa que mais se adequa. Falando em gênero que é o que a gente tá falando aqui, primeiro vai ser sempre a mulher que será mais visada, e se a professora não se adequar ao que a escola privada quer também será descartada, porque professor tem um montão por aí, você demite um e contrata outro em um tempo rápido.

Já que você falou um pouco sobre gênero e trabalha atualmente em escola, poderia me dizer como foi e como é sua relação com as crianças?

É bem legal a relação que se constrói, para eles é uma novidade também, é diferente ter uma figura masculina na Educação Infantil e eu acho que para as crianças é muito mais fácil do que para os pais, as crianças se adaptam muito melhor a isso, eu tenho uma relação muito boa com as minhas crianças, de afeto, de carinho e de diálogo, sempre tive e sempre procurei ter esse diálogo aberto e nunca tive até o momento nenhuma dificuldade nesse sentido da relação com as crianças e não só com as minhas crianças também, né. As crianças das outras turmas também gostam, e eu acho que é importante ter essa figura masculina na escola de alguma

maneira pra desconstruir um pouco que aquela visão de que aquele lugar é um lugar essencialmente feminino, sabe, que o homem também pode tá ali atuando e que ele pode ser carinhoso, pode dialogar e desconstruir um pouco essa coisa do homem machão, do homem que só tá ali pra brigar, que muitas das vezes é que as próprias professoras tentam fazer, te chamar para certas situações de doutrinação, como por exemplo, se você fizer alguma coisa errada vou chamar o João pra você ficar na sala dele. Aí eu procuro agir de outra maneira, conversar, ouvir e tentar argumentar, desconstruir essa coisa de que o homem tá ali só pra brigar, só pra que muitas das vezes é a visão que eles têm em casa, né. Que a mãe tá ali pra cuidar o tempo todo e pra oferecer o cuidado e quando a criança faz alguma coisa de errado é o pai que vai chamar atenção, é o pai que vai brigar, é o pai que vai doutrinar.

E como foi a reação das crianças quando você chegou pra assumir a turma?

Nos primeiros dias eu acho que eles ficam menos a vontade até eles se adaptarem, mas eu também sinto que nem é por eu ser homem é que eles têm esse período de adaptação normal. Às vezes um ou outro é que sente mais, fica com mais medo ou alguma coisa assim, isso depende muito da relação que ele tem com os homens já na sua casa, a relação familiar que eles têm ou não tem com os homens, que não estão acostumados com a figura masculina. Então, assim, muito pessoal, sabe, vai de cada criança e da vivência que a criança tem, mas assim eu não tive experiências negativas nesse sentido, acho que as crianças têm o tempo delas de adaptação e não é muito diferente do que de repente possa ter com a relação feminina não. Como eu falei, as crianças lidam com isso muito melhor do que os pais e isso também é perceptível, que muitas das vezes os pais não aceitam isso muito bem que tenha um homem cuidando das crianças dentro da escola, aí as crianças são mais resistentes, não sei se é porque conversam em casa que é uma teoria minha que provavelmente o que eles falam em casa ou conversam não diretamente com a criança, mas entre si mesmo, na relação pai e mãe, ou a mãe com outra pessoa em relação ao professor da escola e as crianças estão ali a todo tempo ouvindo o tempo todo o que eles estão falando, embora as vezes a gente esqueça isso, né. Açam que a criança é idiota e que não tá ouvindo, mas aí ela traz isso um pouco pra dentro da escola e pra relação. Mas acredito que eu não tive esse problema o ano inteiro por ser homem, é mesmo com a construção de tempo, mas acho que essa adaptação é normal.

Segundo professor

1. Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Sou José, tenho 23 anos, agora estou no Ensino Superior cursando Letras na UERJ, mas a minha formação inicial é a Formação de Professores pelo Ensino Médio no Júlia Kubitschek e desde de 2011 já estou na parte do magistério iniciando com Educação de Jovens e Adultos e percorri esse caminho durante uns 4 anos trabalhando com o público jovens e adultos. Hoje em dia já estou inserido no mercado de trabalho como professor em cursos preparatórios no Ensino Médio e também no Ensino Fundamental de alguma forma e, é só isso (risos).

Você poderia dizer seu município?

Sim, moro no Centro do Rio.

2. Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?

Bem, a segunda pergunta seria pra você fazer uma apresentação da sua formação, mas você já fez isso na pergunta anterior, certo?

Sim.

3. Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.

Então, foi uma coisa assim, digamos assim, espontânea né pelo Normal, me despertou uma vontade de ser professor no Ensino Fundamental através de observar as professoras, né, como por exemplo, porque que tive muitas professoras e decidi seguir também a área das Letras. Mas primeiramente eu optei por fazer uma formação que eu já saia com uma formação, né, então eu descobri o Normal através de uma vizinha minha que fazia nesse mesmo colégio, e procurei saber como que é a rotina, como é a questão da formação. E a partir daí eu tive interesse de entrar no Normal.

Você disse que desde o Ensino Fundamental você tinha o interesse em ser professor porque observava as professoras, neste caso, você só teve professoras?

Então, majoritariamente eu tive professoras, professores eu tive poucos, eu tive dois professores até o Ensino Fundamental 2. Um foi na antiga 4ª série e assim, na época, foi muito interessante porque eu era doido pra estudar com aquele professor que era o único professor homem no primário.

E porque você escolheu o curso de Letras?

Foi uma continuidade, depois do Normal nunca pensei em fazer Pedagogia porque eu gostava do curso de Letras por questão da Literatura, porque eu gosto de escrever também e porque eu gosto da Língua Portuguesa e tudo mais, a língua num geral, né. Estava pensando em fazer Pedagogia no segundo plano, mas já mudei de ideia (risos)

4. Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.

Então, os estágios que eu fiz no Júlia foram estágios obrigatórios, agora em questão de estágios remunerados eu já cheguei a procurar, mas nunca tive um retorno, até porque quando eu ia procurar até mesmo por trabalho, né, era sempre aquela mesma desculpa, assim, a gente não tá aceitando professores, no momento somente professoras, e tudo mais. Mas dos estágios obrigatórios não tive problemas, foi bem tranquilo.

5. Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado apenas?

Então, toda vez que eu procurava ou só aceitavam de sexo feminino, eu até enviei um currículo uma certa vez e a coordenadora desse colégio era até conhecida de uma ex-professora minha e mesmo assim ou por indicação eu nunca tive uma oportunidade. Depois eu descobri através de uma amiga que foi pra esse colégio que eles não contratavam homens por questão dos pais criticarem, que ainda nossa sociedade não está tendo uma aceitação dos professores no Ensino Fundamental 1. Até mesmo quando eu achava que eu poderia ter uma oportunidade, aí vinha à questão da graduação, aí você tinha que ter o superior completo em Pedagogia. Então, eu passava por dois obstáculos criados, a questão do sexo e a questão da formação.

Essas escolas que você comentou ficavam pelo Centro do Rio?

A primeira que eu falei ficava pelo Centro e essa última se eu não me engano era em Botafogo. Na verdade a minha busca terminou sendo pouca justamente por esses problemas, porque quando eu ia procurar eu mesmo falava e pensava que não me encaixava no perfil.

6. Atua como professor? Em qual ano?

Sim, mas na área da Letras.

É estágio?

Não, na verdade é emprego mesmo. Eu dou aula como professor em um curso preparatório privado para concursos como o Pedro II, colégio militar para crianças entre dez e onze anos e também trabalho com pré-vestibular.

7. Escola pública ou privada?

Curso da rede privada

8. Quanto tempo atuando como docente?

Quatro anos atuando como docente

9. Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?

Sim, porque eu tinha a formação de professores que me possibilitava atuar com as séries iniciais e a escolha pela rede privada eu diria que por uma questão de facilidade entra aspas, né, de você ter uma oportunidade imediata no mercado de trabalho.

10. Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?

É eu pretendo continuar com EJA que é uma modalidade que eu gosto muito de trabalhar, acho bem interessante de ser explorado na parte da educação. E com o mestrado e doutorado, quero seguir a carreira acadêmica. As escolhas são por questão do público, não tenho na contra criança (risos), mas é a questão do público que me dou, do desenvolvimento de trabalho, da linguagem, acho que estou mais próximo deste público do que daquele mais novo.

11. Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada? Por quê?

Primeiro de modo geral é a questão do sexo, por exemplo, nas séries iniciais do Ensino Fundamental é a questão do sexo, se tem um homem e uma mulher concorrendo à mesma vaga, aí prioritariamente quem vai ter a preferência é a mulher, eu acho isso. De modo geral a questão do sexo, isso interfere muito na contratação na rede privada. Segundo, se tiver dois homens concorrendo, aí digamos um heterossexual e um homossexual digamos assim, em evidência, em questão dos traços físicos e etc., acho que o homem hétero ou o hétero normativo terá preferência. A sociedade ainda tá muito homofóbica, né, e talvez a escola ela tente abrir esse espaço para aceitar os professores homossexuais e tudo mais, só que quando se fala em série inicial do Ensino Fundamental e rede privada aí essa questão a escola se vê incapaz de ter um diálogo com essas questões justamente porque são os pais que sustentam, são os pais que mantêm a estrutura daquela escola através das mensalidades que pagam para poder seus filhos terem educação, então, eu acho que a família interfere muito nessa questão, eu acho que a escola não tem autonomia nessa parte de aceitação.

Terceiro professor

1. Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Meu nome é Pedro, tenho 24 anos, atualmente estou cursando administração e me formei como professor em 2010 pelo Carmela Dutra. É... moro com minha mãe em Rocha Miranda.

2. Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?

Eu comecei no Carmela em 2007, fui sorteado e comecei a estudar a estudar no Carmela e comecei a me identificar com a área pra dar aula, como professor e tudo mais, e em 2010 eu me formei. Fiz estágios tanto na rede privada quanto na pública, mas não continuei na área e agora passaram uns dois anos e eu comecei fazer Administração na Estácio.

3. Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.

Na verdade foi uma surpresa porque teve uma questão de sorteio na época e eu me inscrevi e fui sorteado, de início eu queria mesmo saber se eu gostaria, se eu iria me adaptar e tudo mais. Fui me adaptando, fui gostando e continuei, aí foi quando eu concluí lá os quatro anos.

Então quando você fez a inscrição já sabia que era um colégio de formação de professores?

Sabia, é porque eu queria um colégio profissionalizante, não queria fazer somente um Ensino Médio básico de formação geral, então, eu sempre gostei também da área de professor, aí optei de entrar lá no Carmela.

Na Administração foi por vivência do dia a dia, me identificando pelo fato de querer organizar as coisas, trabalhar em escritório, toda essa parte eu fui me identificando, mas eu gosto mais da área do Departamento de Pessoal, área que faço estágio atualmente.

4. Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.

Fiz estágio em escola pública e privada. Consegui um estágio remunerado em uma escola privada em Bento Ribeiro porque uma amiga indicou, a família e ela já trabalhou e estudou lá, então assim, eles tinham vínculo e uma amizade com a diretoria e tudo mais, aí me apresentaram e me deram a oportunidade de estagiar lá. Aí eu fiquei lá durante dois anos, fiquei com turmas de 4º e 5º ano e tinham épocas que ajudava as turmas de Educação Infantil, mas as minhas turmas mesmo foram de 4º e 5º ano.

Como foi a recepção – primeiro contato - por parte da escola privada?

Foi normal, não tive nenhuma, como posso dizer..., algo que me impedisse ou que eu me sentisse rejeitado por alguma coisa, a princípio foi normal, as pessoas me receberam bem, fiz um bom estágio, a gente tinha uma união legal, só o que aconteceu do fato deles não efetivarem porque justamente por ser do sexo masculino, eles não efetivam, só tinham professoras, era um colégio religioso e eles só trabalhavam mesmo com mulheres.

Então, eles aceitavam homens pra estágio, mas não os aceitavam para professores?

Exatamente. Questão de ir pro banheiro, de levar a criança em banheiro, essas coisas de acompanhar, então eles tinham meio que receio, então nessa parte a gente ficava com os alunos em sala enquanto a professora fazia a parte que não competia ao homem na visão deles.

E como foi a recepção das crianças ao perceberem que era um professor homem?

Acho que para as crianças, acredito que elas não têm essa visão, não tem essa diferença. O que tem mesmo são para os maiores que é a direção ou os responsáveis, tem muitos pais que não gostam, mas com/pelas crianças eu sempre fui recebido, nunca tive nenhum problema com as crianças.

5. Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado?

Então, eu procurava em escolas privadas, falava com pessoas, pedia por indicação, mas não tinha retorno, cheguei a mandar currículo e o único retorno que eu tive foi de uma escola perto de casa que me ligaram e o recado não foi me passado e quando retornei fui informado que já tinham preenchido a vaga e... eu não tive uma boa aceitação quando eu fui em busca deles naquele momento. Em todas as escolas que eu cheguei a enviar currículo por internet ou até mesmo pessoalmente, não tive retorno, e aí comecei a me desanimar e fui desanimando e desanimando, porque também já estava correndo contra o tempo e precisava conseguir uma vaga de trabalho, eu precisava tá remunerado e não poderia ficar esperando por uma escola que me aceitasse, entendeu, eu não sabia quando uma escola ia chegar a me aceitar, então, eu resolvi partir pra área administrativa.

6. Atua como professor? Em qual ano?

Não, já atuei como estagiário durante dois anos na escola privada. Hoje estou na área administrativa.

7. Escola pública ou privada?

O entrevistado não chegou atuar como professor.

8. Quanto tempo atuando como docente?

O entrevistado não chegou atuar como professor.

9. Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?

Sim, eu sempre gostei muito da educação, eu sempre quis acreditar que aquela criança que você poderia educar um dia, ela poderia ser um médico, um advogado, uma pessoa do bem, e tipo tirar desse mundo que a gente tá vivendo hoje. Eu gostava, mas com o tempo eu fui desanimando mesmo.

Não sei se a próxima pergunta se encaixa hoje, mas como você também é formado para atuar como docente gostaria de saber sua resposta.

10. Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?

Hoje estou na área administrativa, mas sempre me identifiquei com a Educação Infantil e o 1º ano, sempre gostei da parte inicial, é um momento que você percebe mudança, percebe as coisas acontecendo e é muito gratificante você iniciar um ciclo no final perceber aquela criança já desenvolvendo coisas que ela não desenvolvia no início, lendo, escrevendo algumas palavras, então assim, é a parte inicial que eu mais me identificava.

11. Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada? Por quê?

Acredito que a pessoa já tendo a formação já é meio caminho andado, mas se eu chegar pra uma entrevista entre eu e uma menina eu já teria uma visão que a vaga seria dela e não minha, então, o sexo é uma questão que eles podem analisar, se é homem ou mulher, pra professor o que eu mais vejo nas séries iniciais é pra Educação Física. Isso é muito difícil porque tem gente que quer trabalhar nessa área, que gosta disso, que quer viver disso, tem uma paixão muito grande e acaba que meio desestrutura o sonho dessa pessoa.

Você acha que esse é o seu caso?

De certa forma sim, porque eu gostava tanto. Eu tenho uma foto de uma formatura de uma turma minha, as vezes eu olho e dá uma saudade, os alunos que eu vejo passando na rua e que poderiam ter outros, eu penso assim, mas não teve outros porque eu não tive oportunidade, e é uma área que eu gosto, que eu me identifico, se eu não tivesse fazendo administração eu estaria na área educacional, se tivesse tido uma oportunidade, se eu tivesse sido aceito pelo menos em uma escola para ter uma experiência, pra ter uma vivência e uma outra visão e para eu acreditar também que como essa escola me escolheu outras irão me escolher, mas como não teve nenhuma aceitação, eu resolvi partir para uma área mais aceitável.

Você identifica ou percebe por qual motivo escolhem mais as mulheres para serem as professoras?

Eu acredito que a visão masculina é muito, sei lá como eu posso dizer..., essa coisa de pedofilia, e de o homem ser safado (risos), essa situação, o mau-caratismo vamos dizer do homem que é visto, né, que muitos homens são vistos como mau-caráter, acaba generalizando e isso implica na situação da escolha de um professor, porque acaba que por ser homem não pode por isso e por aquilo, assim como o que poderia acontecer também, vamos supor, a questão de levar uma criança no banheiro, uma professora também ficaria uma coisa chata levando um menino no banheiro, assim como ficaria chato um professor levar uma menina. Então, assim a visão que eu percebo que eles têm do homem é a da situação que a gente encontra hoje de pedofilia, acredito muito que a pedofilia atrapalha nessa questão.

Quarto professor

1. Você poderia fazer uma breve apresentação da sua pessoa?

Bom, Felipe, né, tenho 30 anos, acho que é importante dizer a idade, estou formado em Pedagogia desde 2011, me formei pela Universidade Veiga de Almeida, entrei lá em 2006 e o MEC ainda estava fazendo uma transição de currículo, antes você entrava na Pedagogia com as habilitações e aí no meio da faculdade ele ofereciam essa transi/ na transição migrar pra licenciatura plena e desde que eu entrei na Pedagogia eu já sabia que meu interesse era atuar com o Ensino Fundamental e Educação Infantil. Atualmente estou na rede de Queimados como Professor II, né, trabalho no ciclo de alfabetização, tô com um 3º ano, é... anterior a rede de Queimados eu trabalhei na rede privada pelo SESI como pedagogo, trabalhei em creche comunitária também aqui no Rio de Janeiro também como pedagogo, é... estágios na área da educação, Júlia Kubitschek, uma escola privada em Vila Isabel no Ensino Fundamental, Instituto Unibanco, Secretaria Municipal de Educação com o Ensino Fundamental, trabalhei também no SENAC. Então eu tô 10 anos, entrei com 20 anos na educação e no segundo período da faculdade já ingressei no magistério, saí da área comercial/administrativa e fui pro magistério e aí fui assistente, estagiário, tutor e fui ganhando alguns espaços até chegar no município de Queimados.

Você pode me dizer o município que reside?

Sim, no Rio de Janeiro. Eu morava em Campo Grande, nascido e criado em Campo Grande Zona Oeste e aí uns seis anos migrei pra Zona Norte, pro Méier.

Então, você já respondeu praticamente a segunda pergunta do roteiro que é:

2. Agora você pode fazer uma apresentação da sua formação?

Pelo que entendi você não fez o Curso Normal, né?

Não, eu não fiz o Normal, já entrei no curso de Pedagogia. Na verdade no Ensino Médio, antes de chegar ao Ensino Médio, a minha família perguntou, porque parte da família do meu pai algumas tias são professoras, né, e tem muito contato com a Escola Normal, é... e meu pai perguntou se eu teria interesse em fazer o Normal no Sara Kubitschek. Na época eu pensando no vestibular, achava que o Normal não me daria uma base para tá na Pedagogia, não só na Pedagogia as no nível superior. Mas assim, não fiz o Normal, fui pra uma escola de formação geral e aí após o Ensino Médio já decidido fui pra Pedagogia mesmo, direto.

3. Explique brevemente sua escolha pelo Curso Normal e/ou Pedagogia.

Então, enquanto sujeito da educação a gente vai fazendo algumas reflexões com o passar do tempo, né, conversando com psicólogo e tudo mais. Assim desde pequeno eu sempre gostei de estar na escola, sempre me identifiquei com o espaço escolar e passava horas do dia na escola, mesmo fora do horário regular sempre estudando no turno da manhã e ficava a tarde toda na escola, minha mãe às vezes chegava do trabalho ou alguém e não me encontrava em casa, mas também vindo de família humilde, né, o único espaço dentro de um bairro que a gente tinha um processo de socialização de interação com outras pessoas, de poder brincar, de poder... lazer eu acho que é a escola, né, a escola se justifica por isso. Sempre admirei a figura do professor, sempre respeitei o professor, né, acho que isso foi um dos pontos que assim impulsionaram a escolher a Pedagogia posteriormente, né, já na adolescência. Fiquei na dúvida até porque você vindo de uma família de classe baixa, né, vamos dizer assim, popular, você precisa trabalhar, às vezes você não tem acesso a uma formação, né, eu estudei em

escola pública, você precisa ajudar ali a família e aí é na adolescência que você começa olhar pro mercado de trabalho, mas sempre olhando também pra/na tentativa de cursar uma faculdade, porque eu achava que pela educação eu ia conseguir ser alguém na vida é o discurso que a gente/ QUE EU escutava, né, que era a escola como a redentora, isso há um tempo atrás era muito forte e ainda é. Então assim, eu consegui, fui trabalhar como estagiário em empresas de engenharia, administrativas e a partir daí tendo contato com outras pessoas com formação, de nível superior, Administração, Psicologia, Pedagogia e fui meio que decidindo, não, é isso mesmo, que era isso que eu quero, mas não quero ficar dentro da empresa, quero trabalhar com gente e aí realmente a Pedagogia, eu quero ficar no espaço escolar.

4. Como foi seu estágio, foi em escola privada? Fale um pouco sobre ele.

Então, passei por discriminação, tive colegas na graduação que perguntavam o que eu estava fazendo ali, era melhor tá fazendo moda, era mais fácil você tá fazendo outro curso. Uma delas, uma vez chegou até dizer que eu não levaria jeito pra ser professor, mas eu sempre... não eu vou conseguir, eu vou conseguir e aquela questão de resiliência, de você lutar pra concluir a graduação que não é fácil. Já desde o primeiro período eu queria fazer alguma coisa que fosse voltado para a educação e não consegui através das minhas colegas, porque eram grupos fechados, algumas já tinham experiência por ter feito Normal, já atuavam e aí eu conversava, pedia pra levar o currículo, pra fazer uma vivência, ter uma experiência e a resposta era não, na minha escola não pode. E aí a gente percebe isso não explícito, mas um afastamento e um distanciamento. Até que uma vez nessa minha insistência eu vi um anúncio no jornal, olha só, já foi vendo a minha idade, né (risos), é... precisava em uma escola particular e eu pensei, vou tentar, se eu não me engano eu liguei pra lá e mandei um email, até que eu consegui, fui lá e fiz a entrevista, né, na privada, em uma escola de Ensino Fundamental. Fui recepcionado pela orientadora educacional “F” que também mora aqui na Zona Norte, e expliquei tudo pra ela, essa necessidade de ganhar experiência e de tá fazendo Pedagogia e aí ela viu não sei se foi o meu desespero ou o meu MUITO interesse em entrar na educação, é... e me deu um espaço pra eu entrar como estagiário, trabalhando com crianças do integral, dando suporte a professora, ficando praticamente meio período com crianças. Mas, é... da faculdade pra escola privada eu tive alguns não, não das colegas na graduação, não mesmo tentando fazer um networking lá com os amigos não consegui e não quando eu levava o meu currículo de porta em porta, que eu fazia isso, é... quando eu morava em Campo Grande em algumas escolas da Zona Norte porque eu estudava na Tijuca, né, na faculdade ou tentava lá mais próxima de casa ou mais próximo da faculdade e sempre pediam pra deixar o currículo, mas sempre a preferência era mulher, mulher, o feminino, uma menina que tivesse feito o Normal e tudo mais. Essa foi o grande/através dessa escola em Vila Isabel, através dessa orientadora que deu a oportunidade de estágio, ela me deu essa oportunidade e fiquei nessa escola 1 ano e pouquinho, é porque a gente vai tendo essa necessidade de mudança, uma bolsa de R\$ 150,00, R\$ 300,00 não dava pra ajudar em muita coisa dentro de casa e eu precisava ter uma renda um pouco melhor, mas precisava também da experiência, aí fiquei lá esse tempo. É uma escola que na época, isso foi em 2007 se não me engano 2007/2008, uma escola de classe média em Vila Isabel perto do Morro do Macaco, mas uma escola pequena

que atendia da Educação Infantil ao 5º ano, as crianças ficavam lá ou horário parcial ou horário integral, eu acompanhava as crianças do horário integral. Naquela época eu não tive muita resistência com relação à equipe, nesse acolhimento da equipe, até porque tinha um professor de Educação Física homem, né, e tinha um professor de música, então assim, acho que a escola já tinha uma relação muito boa e não dava preferência só para as mulheres. Fiquei lá e fui bem recebido pelas crianças, fiz aquela prova de fogo, né, que é você ficar com 25 crianças, 30 crianças no integral com necessidades bem peculiares/diferentes fui aprendendo nos intervalos, trocava com as professoras, na secretaria ficava olhando os planejamentos, tentava participar dos conselhos, das reuniões pra ir ganhando experiência, né, já que eu não era o professor regente. Tudo que tinha na escola eu procurava me inserir, né, e assim, foi um pontapé mesmo pra eu permanecer.

5. Fale sobre sua procura por emprego nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como foi? Foi no privado?

Então, o que aconteceu, quando eu me formei em 2011, é... eu estava trabalhando em uma empresa em Recursos Humanos estava como analista de RH, eu tinha passado pelo magistério estágio, mas precisava ganhar mais e a empresa oferece mais do que a escola é isso é fato, hoje em dia isso melhorou um pouquinho. Então eu estava como assistente de RH, passei pra analista já concluindo a monografia, quando eu terminei a graduação teve uma redução na empresa e eu fui dispensado, mas logo em seguida apareceu uma oportunidade através de uma creche que eu também tinha feito um estágio auxiliando algumas professoras e o pessoal daquela comunidade a pensar no espaço da criança, é... surgiu uma proposta, me convidaram pra retornar nesse espaço, mas na função de coordenador, e aí era Educação Infantil na creche comunitária conveniada a Prefeitura do Rio. Então assim, quando eu terminei a Pedagogia, eu tava na empresa e nesse processo de saída de uma empresa eu logo consegui entrar como coordenador em uma creche, então não fui posteriormente lançar o meu currículo no mercado. Eu fiquei nessa creche uns dois anos, tenho contato com eles, ajudo quando possível nas reuniões, nas discussões de algumas propostas, é... foi também um aprendizado muito bacana porque era na Educação Infantil e um homem na Educação Infantil é um... uma grande questão. E posteriormente essa minha passagem pela creche eu fiz um processo seletivo pra uma organização pro cargo de pedagogo, passei e aí fui pro privado, né, mas dentro de uma ONG na função de pedagogo fazendo supervisão em abrigos com crianças que tinha lá, atendimentos institucionalizados com relação a droga e tudo mais. Posterior a isso fui pro Sesi como pedagogo, e aí eu acho interessante porque na minha trajetória eu tive inicialmente na faculdade momento de lançar currículo pra me inserir na escola privada e realmente receber uns NÃO, mas as coisas após a formação foram meio que se desdobrando, né, pelas experiências. Eu gostava sempre de aceitar os desafios, né, eu vou, eu faço e aí ganhando experiência e aquilo, eu tenho que marcar meu território, marcar território (risos), né, e eu consegui entrar em outros espaços, não foi fácil, mas fui conseguindo em outros espaços. E paralelo com isso tudo eu também estudava pra concurso público, porque eu ficava pensando que uma hora poderia vir o desemprego, a redução como já aconteceu e eu não vou conseguir ir pra uma escola particular, a ideia, mesmo estando formado e tendo experiência eu já sabia dessa existência, né, então eu falei, vou fazer concurso público porque eu quero ser concursado e não ter que ficar passando por nenhuma necessidade de ficar batendo em porta de escola, é... fui estudando, trabalhando e estudando até que veio o concurso de Queimados, aí demorou um pouquinho e eu fui convocado pra assumir, tomei posse e já estou uns dois anos lá com o Ensino Fundamental.

Em uma das buscas de oportunidade no espaço escolar eu vi uma divulgação de uma escola que tinha lançado, não sei se foi na internet ou em algum jornal, é uma escola na Zona Norte de grande porte e que eles estavam fazendo um processo seletivo, né, pra contratação de professores pra diferentes etapas e pra iniciar no ano seguinte, né. Então, era próximo a época de outubro e novembro e o processo iria ocorrer durante o final pra se iniciar posteriormente no ano seguinte, em janeiro ou fevereiro. Eu fui, me organizei, me preparei, preparei meu currículo, na questão da aparência, né, porque a gente esbarra em várias questões sociais que influenciam bastante nessa contratação e aí eu fui no horário marcado estipulado pela escola comparecer ao local pra participar do processo. Cheguei na unidade e eles me receberam, a coordenação veio conversar comigo em uma sala isolada e aí eu disse que estava fazendo faculdade, se eu não me engano na época eu já estava no último período, no fim da graduação, que era pedagogo e estava buscando uma oportunidade, que tinha através um contato/de estágios uma experiência e queria participar do processo. Foi uma conversa muito breve, não me deram muito atenção, recordando assim na época eu não tive muito contato pra falar da minha experiência e tal. Eles falaram que eu faria uma prova e aí da prova se você passar, se for selecionado você vai pra próxima etapa, falaram que era pra atuar com séries iniciais como professor, e eu estava me candidatando pra vaga por ter a formação em Pedagogia. Pois bem, eles foram lá dentro, voltaram, pegaram uma prova, né, que tinha praticamente umas três ou quatro folhas e com várias questões discursivas, não eram questões a meu ver que eram questões de elaborações de um planejamento, tinha realmente a organização de uma sequência didática pra uma determinada série, mas os conteúdos que estavam sendo solicitados pra discorrer na prova eram conteúdos bem específicos, que só um profissional da área de Língua Portuguesa, é... ou de História, enfim eu não lembro agora quais eram as questões porque eram muitas questões. Eu considerei que a prova era bastante complexa para o que eles estavam pedindo, e aí eles determinaram um tempo pra fazer aquilo, é... se eu não me engano uma hora ou uma hora e meia pra responder todas as questões, assim era praticamente pra você pensar num plano de curso, pensar num procedimento, numa estratégia, pra um bimestre se eu não me engano, com uma sequência didática, com fundamentação, quais materiais usados para as aulas, então assim, foi uma prova bem complexa e específica que eu tive a sensação que era praticamente pra me eliminar do processo, entendeu. Eu estava preparado porque estava terminando a faculdade, né, tava ali bem/com os conhecimentos latentes, com questões atuais da educação, mas assim, pra prova de professor das séries iniciais eu achei bem complexo para o que eles estavam apresentando, a sensação que eu tive que realmente foi eliminatório. Assim, eu entreguei a prova não consegui responder todas as questões com segurança, é... e eles também não me deram retorno pra dizer se foi positivo ou negativo. Agora fazendo uma reflexão eu não sei se eles estavam exigindo uma pessoa que tivesse muita experiência e que dominasse ao ponto de fazer aquela prova com muita facilidade ou se realmente era pra eliminar, a sensação que eu tive é que era bem eliminatória, tá, até porque eles não me deram uma prova, me deram várias provas, com várias questões, pegaram várias provas de diferentes áreas pra eu responder, que não caberia, entendeu, fazendo uma análise assim, mas não caberia pra um professor, seria mais interessante uma entrevista, uma vivência, seria mais interessante que eles colocassem dentro de um espaço, né, pra um dia fazer um teste... monta um planejamento e vem aqui que nós vamos avaliar a sua aula, não precisa ser necessariamente com as crianças, mas a gente apresenta a aula para os coordenadores, como é que você iria se desdobrar dentro de uma determinada matéria, né, quais, recursos, materiais didáticos, acho que seria mais interessante pra séries iniciais e não apenas colocar um número de questão pra eliminar, sabe.

A recepção foi boa, por exemplo, na creche?

Por parte dos funcionários foi sim, e dos alunos também, eu acho que esse estranhamento não parte da criança não, o estranhamento parte do adulto mesmo, o adulto é que... eu acho que é

o Xavier que fala, né, dessa questão do... não sei se é ele, tem uma dissertação de mestrado que fala da questão do corpo, né, que o homem ele oferece essa insegurança, né, de ser o perverso, de ser o ativo, de ser o que vai causar alguma coisa ali, gerar esse controle do corpo, esse contato com o corpo da criança e aí aquela suposição de que a mulher não pode oferecer nenhum risco. Assim por parte das crianças não tive resistência e nessa creche em especial pela equipe já conhecer meu trabalho. Eles tiveram uma receptividade muito boa, me acolheram muito bem.

6. Atua como professor? Em qual ano?

Sim, 3º ano.

7. Escola pública ou privada?

Pública, na rede municipal de Queimados.

8. Quanto tempo atuando como docente?

Dois anos como regente de turma.

9. Você já teve interesse em atuar nos anos iniciais da rede privada? Por quê?

Sim, quando a gente faz essa opção de entrar para o magistério, né, escolher entrar no magistério é... você tá/eu estava proposto a tudo, trabalhar tanto com o público quanto com o privado, mesmo sabendo das resistências, porque assim desde antes da faculdade eu ficava me perguntando, né, será que vai dar certo, será que não vai, Pedagogia vão valorizar, né, essas questões, mas eu sempre tive vontade de estar em sala de aula, trabalhar como professor, independente do público ou privado, meu objetivo era fazer Pedagogia, como eu falei, passei pela empresa, mas eu não queria tá num ambiente organizacional fechado, eu queria trabalhar com crianças, com pessoas, educação, vendo a dinâmica da escola, então quando eu fui pra Pedagogia, eu fui sabendo o que queria mesmo sabendo dessas resistências e fazendo esses questionamentos o tempo todo, entendeu.

10. Quais são as áreas, níveis ou modalidades de ensino que você mais gosta, prefere ou deseja atuar de acordo com sua formação? Por quê?

Olha, eu acho que, eu acho não, eu penso que isso parte do momento que nós estamos, aqui nessa conversa, no meu momento de vida e nos meus planos, é... hoje eu penso em trabalhar com formação de professores, tenho muito interesse, né, pela minha trajetória e isso vai influenciando você a ter outros olhares. Mas assim, eu não sei se tenho uma etapa preferida (risos). Engraçado que quando eu... deixa só eu voltar um pouquinho no tempo, quando eu estava na Pedagogia eu tinha vontade de trabalhar com o Ensino Fundamental e todo mundo na Pedagogia ou a maioria queria a Educação Infantil, as meninas, eu dizia que não queria a Educação Infantil e quando eu fui parar na Educação Infantil foi amor a primeira vista, é porque eu acho que a gente não conhece como é aquele universo, né, como eu não tinha contato, eu tinha uma resistência, aí eu falava Educação Infantil que nada, vou pra formação de professores ou Ensino Fundamental. Posso dizer que hoje eu tenho um olhar, olho pra formação de professores por interesse em fazer um mestrado, né, em gostar de tá em discussão com outros professores, formar, pensar em formar essa galera na educação, é... mas com muito olhar na infância também, na Educação Infantil que é um campo que me chama

muito atenção nesse momento, estudar, entender, aprofundar e estar também como docente, não só como orientador em outro cargo, mas como regente.






11. Como você percebe que ocorre a análise e contratação dos docentes na rede privada?

Acredito que a preferência se dá pela/pelo gênero e isso é claro. Segundo pela experiência e formação, acredito que esses são os critérios para atuar no magistério nas séries iniciais. O engraçado que eu percebia que quando eu estava em uma determinada instituição privada e até mesmo circulando por alguns espaços, era sempre aquela professora com uma determinada idade, já assim, senhoras, um tempo atrás, né, pra tu vê, eu não estou circulando nesses espaços hoje, mas na minha época eu percebia muito a figura feminina, né, com experiência e já com uma certa idade, vamos dizer assim, mais de 30 anos, entendeu.

Quando você diz a questão do gênero, a preferência no caso seria a mulher ou o homem?

A mulher, sempre a mulher. Eu fico me perguntando por que ainda, né, 2016 com tanta informação, universidade mais acessível, com pessoas buscando tá no espaço de formação, na academia e porque tem gente ainda preocupado com algumas questões, porque pra atuar na educação, ou como pedagogo só serve a mulher, né, porque que as pessoas ainda têm esse preconceito e estereotipização desse sujeito. Acho que é isso.

ANEXO 3: IMAGENS DE ANÚNCIOS DE UM GRUPO DO FACEBOOK

<p>16 de fev de 2016 às 12:57 • </p> <p>Compartilhando. Professor(a) de Ensino Fundamental I Niterói, RJ R\$ 1.497 por mês Responsabilidades: Lecionar aulas no 1º ano do ensino fundamental. Preferencialmente do sexo feminino. Formação e experiências requeridas: Experiência como professora do fundamental 1.</p>	<p>22 de jan de 2016 às 13:05 • </p> <p>Repassando. Professor(a) de 5º Ano Regente de turma de 5º ano (manhã e tarde). Preferencialmente do sexo feminino. Formação e experiências requeridas: Curso de formação de professores. Bairro: Recreio dos Bandeirantes Cidade: Rio de Janeiro Benefícios: - Vale Transporte; Horário de Expediente: Segunda a sexta Salário: Enviar pretensão</p>
<p>29 de jun de 2015 às 17:07 • </p> <p>PROFESSOR Rio de Janeiro, RJ ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL COM FUNCIONAMENTO INTEGRAL. Cargo: PROFESSOR Número de vagas: 1 Descrição do cargo / Responsabilidades: ATUAR COMO PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL QUE TENHA EXPERIÊNCIA COM TURMA DO PRÉ I . HORÁRIO 8:00 ÀS 12:00 E 13:00 ÀS 17:00 OPÇÃO DE DOBRA SEXO FEMININO. Formação e experiências requeridas: EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS DE 4 ANOS CURSANDO O PRÉ I. Bairro: TIJUCA Cidade: Rio de Janeiro</p>	<p>1 de fev de 2016 às 19:28 • </p> <p>Compartilhando. Assistente Pedagógico Rio de Janeiro, RJ R\$ 1.000 por mês Escola de Qualificação profissional contrata. Cargo: Assistente Pedagógico Número de vagas: 4 Descrição do cargo / Responsabilidades: Atendimento a pais, alunos e professores. Rotina administrativa. Sexo: Preferencialmente Feminino. Formação e experiências requeridas: Ensino superior completo ou cursando pedagogia.</p>
<p>1 de mar de 2016 às 12:58 • </p> <p>Compartilhando. Coordenador(a) Pedagógico(a) Rio de Janeiro, RJ R\$ 1.500 por mês Seguimento de idiomas. Preferencialmente do sexo feminino. Formação e experiências requeridas: Experiência na Função. Inglês Fluente. Superior Completo ou Cursando. Bairro: Barra da Tijuca Cidade: Rio de Janeiro</p>	